

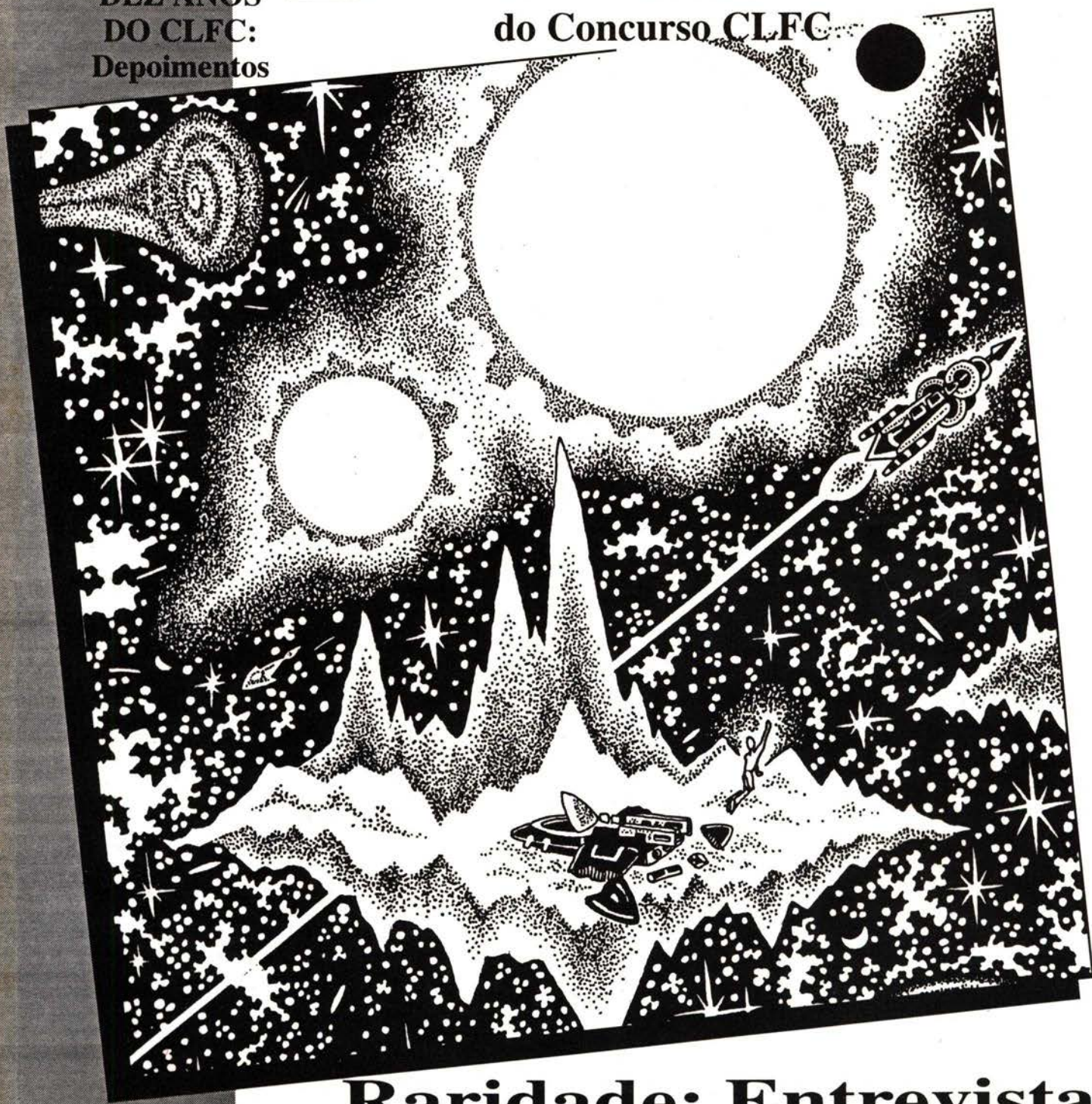
EDIÇÃO COMEMORATIVA
DOS DEZ ANOS DO CLFC

ANO X
Nº 63

SOMNIUM

DEZ ANOS
DO CLFC:
Depoimentos

Conto vencedor
do Concurso CLFC



**Raridade: Entrevista
inérita com Júlio Verne**

Índice

Seções

EDITORIAL 03

por Marcello Simão Branco

RESENHAS:

por Finisia Fideli:

O Relógio Belisário 34

Goosebumps-Arrepio-Bem Vindo à Casa do Arrepio 35

Esconderijo (Hideaway) 35

por Roberto de Sousa Causo:

Alguma Coisa no Céu 36

Jogo Perigoso (Gerald's Game) 36

Espada da Galáxia 37

ZONA DE FRONTEIRA

por Fabio Fernandes:

Steel Beach 37

Einstein's Dreams 38

Artigos

ENCONTROS DE FÃS REANIMAM O FANDOM 04

por Roberto de Sousa Causo

JÚLIO VERNE: EM TORNO DE UMA VIDA 08

traduzido por Sylvie Malbrancq e por A.G.R.D.

DEZ ANOS DO CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA 23

Depoimentos

A GERAÇÃO PERDIDA DE JORNADA NAS ESTRELAS 40

por Marcello Simão Branco

Ficção

LUCY IN THE SKY WITH DIAMONDS 14

por Guilherme Carvalho dos Reis Lima

SANTOS F.C. 19

por Ivan Carlos Regina

COMPLEXO DE MAXWELL SMART 21

por Miguel Carqueija

Ilustrações

Alexandre Mastrella 22

Dreyfus (Inglaterra) 07

Fernando Moretti 18, 41

Irene Salzmann (Alemanha) 20, 33

Marcelo Domingos 39

Maurício Tavares 11

Roberto Schima Capa, 34, 36

SOMNIUM

número 63
janeiro de 1996

Editor Geral

Marcello Simão Branco

Editor de Ficção

R. S. Causo

Editor de Não-Ficção

Gerson Lodi-Ribeiro

Editor de Arte

Cesar R. T. Silva

Gerente Comercial

Humberto Fimiani

Gerente de Produção

Gumercindo Rocha Dorea

Digitação

R. S. Causo

Tiragem: 500 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) e tem como objetivos divulgar e desenvolver a ficção científica produzida no Brasil. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas à apreciação da editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração prévia e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1995/96 está composta pelos sócios Gumercindo Rocha Dorea (Presidente), Ivan Carlos Regina (Secretário Executivo) e Sérgio Roberto Lins da Costa (Tesoureiro).

Correspondência:

Endereço do Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105 - São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

Toda colaboração relativa ao *Somnium* deve ser enviada para Av. Clara Mantelli, 110 - São Paulo - SP - 04771-180 - Brasil.

SOMNIUM

FICÇÃO CIENTÍFICA GRD

Desde 1958 Trazendo o Melhor da FC aos Leitores do Brasil

A mais tradicional coleção brasileira de ficção científica, criada em 1958 por Gumercindo Rocha Dorea, que apresentou ao público leitor brasileiro nomes como Ray Bradbury, Robert A. Heinlein, H.P. Lovecraft, Walter M. Miller, Jr., C.S. Lewis, James Blish, Fred Hoyle, Chad Oliver, entre outros, e abrigou toda uma geração de autores brasileiros — André Carneiro, Fausto Cunha, Rubens Teixeira Scavone, Dinah Silveira de Queiroz, Antônio Olinto, Levy Menezes, e outros — continua sua atuação nos dias de hoje publicando a mais nova geração de jovens escritores de ficção científica brasileira. Ficção Científica GRD apresenta os seus títulos disponíveis, com preço especial para os sócios do CLFC. (Preço único: R\$ 7,00 por volume.)

- 1- *Os Ciganos da Estrela*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. Antologia original de novelas por W.L. Gresham, Algis Budris & Theodore Sturgeon.
- 2- *Só Sei que Não Vou por Ai!*, Henrique Flory. Primeira coletânea de um dos novos autores brasileiros de ficção científica hard.
- 3- *Ômega — O Planeta dos Condenados*, Robert Sheckley. Novela satírica apresentando uma ácida visão da ética humana.
- 4- *Enquanto Houver Natal...*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. Antologia original com histórias por José dos Santos Fernandes, Jorge Luiz Calife, Álvaro Malheiros, Frederico Branco, Dinah Silveira de Queiroz, Marien Calixte, Henrique Flory & Ivan Carlos Regina, todas abordando o Natal pela visão da ficção científica.
- 5- *Só a Terra Permanece*, George Stewart. Romance clássico da pós-holocasto, uma visão pungente do desaparecimento da civilização humana.
- 6- *Do Outro Lado do Tempo*, José dos Santos Fernandes. Coletânea de contos de FC hard e dark, mas repletos de lirismo.
- 7- *Violentação Cósmica*, Theodore Sturgeon. Clássica novela de invasão, uma das obras-primas do grande autor da Golden Age da ficção científica. Prêmio Nova de Ficção Científica.
- 8- *A Pedra que Canta*, Henrique Flory. Reedição da primeira coletânea de Flory com novas histórias.
- 10- *Linha Terminal*, Jorge Luiz Calife. Prêmio Nova de Ficção Científica 1991. Volume que fecha a trilogia Padrões de Contato, de Calife. Prêmio Nova de Ficção Científica.
- 12- *Cristoferus*, Henrique Flory. Novela que transporta a saga de Cristóvão Colombo para um futuro distante. Prêmio Nova de Ficção Científica 1992.
- 14- *Tríplice Universo*, Gumercindo Rocha Dorea, ed. Antologia com novas histórias pelos ganhadores do Prêmio Jerônimo Monteiro da Isaac Asimov Magazine: Roberto Schima, Cid Fernandez e Roberto de Sousa Causo.
- 16- *O Fruto Maduro da Civilização*, Ivan Carlos Regina. Coletânea com 13 contos e vinhetas de um dos mais originais autores brasileiros de FC.
- 18- *Dinossauria Tropicalia*, Roberto de Sousa Causo, ed. Primeira antologia nacional de histórias de dinossauros, por Finisia Fideli, Gerson Lodi-Ribeiro, Daniel Fresnot, Pereira Lima, Leonardo Nahoum, Ricardo Teixeira, Jorge Luiz Calife & Roberto de Sousa Causo. Introdução por Gerson Lodi-Ribeiro. Inclui o conto vencedor do Prêmio Nova, "A Nuvem".
- 20- *Alguma Coisa no Céu*, Marien Calixte. Edição ampliada e revista dos dez anos dessa coletânea com 6 histórias de OVNI's invadindo o cotidiano do Espírito Santo.

Envie cheque nominal cruzado para Gumercindo Rocha Dorea: Caixa Postal 2105 - Ag. Central - São Paulo-SP - 01060-970.

Encontros de fãs reanimam o fandom

Roberto de Sousa Causo

Graças a um pequeno grupos de fãs, novembro foi o "mês da ficção científica" em São Paulo. Primeiro a Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF) organizou, juntamente com a Gibiteca Municipal Henfil, a II BrasilCon, evento inspirado na I Convenção Brasileira da Ficção Científica, realizada em 1986 pelo Clube de Ficção Científica Antares, de Porto Alegre. A II BrasilCon se deu nos dias 10, 11 e 12 de novembro, contando com a participação de várias entidades da comunidade brasileira de ficção científica, o fandom. O evento foi também uma oportunidade de homenagear duas pessoas importantes para essa comunidade, o editor Gumercindo Rocha Dorea, Convidado de Honra, e o autor e fã Miguel Carqueija, Fã Convidado de Honra.

Dentre suas muitas atividades, a BrasilCon apresentou painéis, palestras, exposições, e exibição de vídeos. Cada uma dessas atividades era conduzida por entidades diferentes, convidadas pela SBAF para compartilhar do espaço na programação.

Um dos momentos mais interessantes foi a avaliação, durante um painel, do Movimento Antropofágico da Ficção Científica Brasileira, criado em 1988 por Ivan Carlos Regina, como um esforço de conduzir a produção nacional de FC para mais perto da realidade particular do Brasil. A avaliação de-

monstrou que o Movimento foi bem sucedido nessa intenção principal, e o próximo passo foi declará-lo encerrado — com a aprovação do próprio Regina. Espera-se agora que novas iniciativas surjam, nesse mesmo

caminho de
abrasileiramento da
FCB.

Um instante especialmente divertido foi a palestra de Luiz Roberto Mündel, editor do semi-prozine *Star Fleet*, sobre o *design*

das naves espaciais do cinema, com o apoio de um retroprojetor, e com a participação ativa e bem-humorada da assistência.

Também participou da BrasilCon o Perry Rhodan Fã Clube do Brasil, fundado pelo sócio do CLFC, Alexandre Pereira dos Santos.

Essa participação se deu graças ao sócio do PRFCB, Fortunato Pastore, que organizou um painel sobre os ciclos da série alemã. Também houve uma exposição de publicação de Perry Rhodan.

Contudo, a BrasilCon não pode ser comparada a outras convenções organizadas pela SBAF nos mesmos termos — a RhodanCon, no segundo semestre de 1994, e a I HorrorCon, do primeiro semestre de 1995, ambas realizadas na mesma Gibiteca Henfil. Os motivos para isso ainda são obscuros, embora nos pareça que, na verdade, o

fandom de FC esteja pouco interessado em dar apoio a atividades como essa.

No dia 18 do mesmo mês, o CLFC promoveu, com o apoio da Sociedade Convívio (que cedeu o espaço), a V Mostra de Ficção Científica e o I Debate Ficção Científica/Universidade. Foram expostas revistas de FC publicadas várias partes do mundo, além de artes originais empregadas na coleção Ficção Científica GRD.

Já o debate constituiu-se das participações dos professores Raquel Gliezer, do Departamento de História da Universidade de São Paulo, e Heitor Megale, do Departamento de Letras Clássicas e Vernaculares da mesma universidade. A Profa. Gliezer falou de como a história é vista pela ficção científica, notando a recorrência da estrutura do

império, e do tempo cíclico, baseado na ascensão, declínio e queda das formas de organização social. O Prof. Megale, profundo conhecedor do Ciclo Arturiano — uma das bases da literatura de fantasia

do tipo "espada e feitiçaria" —, falou das origens etimológicas e míticas de um de seus mais importantes objetos mágicos, o Santo Graal. As palestras foram muito interessantes, contaram com forte participação da assistência, e podem muito bem ter correspondido à intenção do evento, que foi a de aproximar a comunidade de ficção científica da comunidade acadêmica. (As palestras deverão ser

"Graças a um pequeno grupos de fãs, novembro foi o 'mês da ficção científica' em São Paulo"

"O Movimento Antropofágico foi bem sucedido e o próximo passo foi declará-lo encerrado"

reproduzidas no próximo número do *Somnium*. Aguarde.)

Naquele mesmo sábado, alguns fãs reuniram-se na pizzeria Presto Pizza, onde mensalmente se realizam encontros sociais do CLFC. No sábado seguinte, dia 21, ocorreu o almoço oficial de aniversário dos dez anos do Clube, no Clube de Campo dos Engenheiros Ferroviários de São Paulo, igualmente com momentos descontraídos de confraternização entre fãs e sócios do CLFC.

Quem participou de algum modo de todas essas atividades parece se sentir recompensado, apesar da trabalhadeira. Não obstante, ainda encontramos manifestações diversas de desinteresse por encontros de fãs, dentro da nossa pequena comunidade.

A palavra chave aqui talvez seja *comunidade*. Quando R.C.Nascimento fundou o CLFC em 1985, ele certamente pensava que os fãs de FC formavam um grupo de *exceção* — pessoas que raramente encontravam (ou encontram) condições de exteriorizar sua paixão pela literatura de ficção científica e fantasia, que em geral são ostracizadas por outros setores da sociedade, que têm problemas para encontrar livros e outros objetos de interesse, e que, mesmo pelas editoras, são tratadas como um público ao qual não se deve grande atenção e cuidado. Basta consultar os estatutos do Clube para perceber que ele surgiu como uma resposta a esse estado de coisas, como um movimento no sentido de compensá-las.

O fandom — que transcede ao CLFC — possui a mesma função e o mesmo propó-

sito. Em sua articulação com a produção de ficção científica e fantasia, o fandom também precisa reproduzir todos aqueles elementos que encontramos nas áreas exteriores ao gênero, e que concorrem para a produção literária — oficinas, crítica, pesquisa, mercado — até mesmo

"Ainda encontramos manifestações de desinteresse por encontro de fãs, dentro de nossa pequena comunidade"

mercado. Essa situação existe porque os setores externos ao gênero não lhe dão atenção. Observa-se a ausência de resenhadores profissionais especializados em FC&F nos jornais e revistas, a ausência de pesquisadores e críticos acadêmicos voltados à FC&F nas universidades, a ausência de editores de fato imbuídos em cultivar a FC&F em nosso mercado livreiro. Todos esses campos precisam ser ocupados pelo fandom porque eles são importantes ao desenvolvimento da nossa produção local, e porque não podemos ficar esperando que sejam ocupados por jornalistas, acadêmicos e editores. Esse processo de ocupação de espaço pelo fandom é o que tornou a ficção científica norte-americana tão vitoriosa.

Eventos são centrais para isso. Mas é preciso compreender que mesmo os eventos são singulares, dentro do campo da FC. Uma convenção de ficção científica não é um congresso acadêmico, pra começar. Muita gente pensa que é. Na convenção, autores misturam-se com leitores não apenas nos corredores, mas também nos painéis. O painel é a unidade central de uma convenção. Ele busca oferecer um panorama de

"Uma convenção de ficção científica não é um congresso acadêmico."

um determinado tema, tendência, tradição, situação ou problema da FC&F ou do fandom. Cada participante discorre um tanto sobre o assunto, de acordo com seu ponto de vista, e em seguida, orientados por um mediador, eles discutem rapidamente as posições de cada um, e ouvem as opiniões da assistência. Tudo isso deve durar, em geral, uma hora. Um painel não é um debate onde o assunto deva chegar a uma "conclusão". Nem é uma atividade onde o participante deve entreter o público com gracejos e espíritosidade (embora uma pitada disso seja bem-vinda).

No Brasil, os painéis são as atividades menos prestigiadas dentro de uma convenção, perdendo de longe para a exibição de filmes. Mesmo o público leitor parece não entender o interesse de um painel. Nos Estados Unidos — e eu já estive em uma convenção lá — os painéis são concorridos. *Qualquer que seja o assunto*. O que os fãs brasileiros ainda não entenderam é que o painel, por oferecer um panorama, torna-se um *dispositivo auxiliar de leitura*. É por isso que leitores comuns frequentam painéis em uma convenção de FC, e raramente as comunicações de um congresso acadêmico —

porque através do panorama oferecido o leitor pode enriquecer a sua interação com as histórias que ele lerá. O painel serve ao autor, ao pesquisador e acadêmico, e também ao leitor — *em pé de igualdade*.

Outro engano comum entre os fãs brasileiros é o de que nenhum sucesso é obtido, se as coisas não andam em harmonia. Para o debate, para a riqueza de

idéias, na verdade a harmonia e o consenso, são prejudiciais. Se você presenciar um bate-boca em uma convenção, isso não significa que o fandom não tem unidade e portanto é incapaz de realizar suas intenções — como cheguei a ler em um fanzine. Significa apenas que as pessoas possuem opiniões sobre aquilo que discutem e as defendem com vontade. A melhor coisa que o assistente tem a fazer é ficar atento para entender onde os pontos de atrito se encontram — isso é muito ilustrativo das áreas de tensão dentro do fandom, e pode orientá-lo em como situar-se. É bom lembrar que a primeira convenção mundial de ficção científica, em Nova York, aconteceu sobre o signo da dissidência e briga — e que nomes como Asimov e Frederik Pohl estavam entre os dissidentes briguentos.

De modo semelhante, há quem entenda que uma convenção de FC só “deu certo”, só foi um “sucesso”, se ela contar com algum tipo de repercussão na imprensa ou se foi freqüentada por um grande número de pessoas. Como os fãs prestigiam pouco, essas pessoas esperadas terminam sendo um público que possui um interesse apenas marginal por ficção científica e fantasia literária. Mesmo os

coordenadores da SBAF tendem a pensar dessa forma, afirmando que é mais produtivo *não* fazer eventos destinados ao fandom, o que é profundamente lamentável.

O painel deve ser uma atividade de pessoas inteligentes dirigindo-se a pessoas inteligentes, antes de mais nada. Convenções devem ser lugares onde fãs de FC se encontram com todos os fins possíveis — fazer amizade, aprender, adquirir um objeto desejado, vender o seu produto,

fazer contato com outros autores, editores ou com leitores de interesse em comum.

O CLFC é um espaço para esses mesmos fins, mas os eventos conservam sua importância pela intensidade com que os reúne.

Na seção de depoimentos, neste *Somnium*, podemos ver um número de testemunhos e manifestações de esperança pelo futuro do Clube de Leitores de Ficção Científica — testemunhos escritos em um tom tão caloroso, tão apaixonado, que por si só eles comprovam a noção de uma comunidade de leitores que se compreende como exceção. Não como um “gueto”, outra expressão que tem sido erroneamente empregada para designar o fandom. Não um gueto, uma comunidade que escolheu se excluir, mas de fato como uma *comunidade* consciente de sua singularidade, e disposta a tratar, em regime de igualdade, com as outras áreas da cultura em que está inserida.

"A primeira convenção mundial de ficção científica aconteceu sobre o signo da dissidência e briga; Asimov e Frederik Pohl estavam entre os briguentos."

Sem dúvida, o Debate Ficção Científica/Universidade foi um movimento no sentido de negar a idéia de gueto. E — espantoso — um de seus melhores momentos foi quando tentamos falar à Profa. Gliezer da cobrança de certas áreas do fandom, de que os

prêmios dados à nossa produção de FC&F deveriam ser julgados por acadêmicos e grandes nomes da intelectualidade. Sua resposta foi: “Se posso dar um conselho, não escolham figurões e acadêmicos. Esse pessoal não entende nada de ficção científica, e vocês devem estar mais preparados a julgar a ficção científica do que eles.” Bem, é exatamente o que eu e outros temos dito já há um bom tempo — *nós* temos de determinar o que é bom e o que é

melhor para nós, dentro do fandom. Nós temos de formar nossas opiniões, formular nossos critérios de valor, compreender como isso se articula com os setores exteriores ao fandom, e então dialogarmos com eles, sustentando nossas opiniões.

A SBAF planeja para 1996 a II ConSur — Convenção do Cone Sul —, em São Paulo, talvez com o apoio do CLFC. O sonho de realizar essa convenção já se estende por três anos, e agora, diante da possibilidade de que os fãs brasileiros não dêem suporte à iniciativa, talvez a SBAF desista definitivamente de realizar no Brasil uma convenção latino-americana de ficção científica. Seria triste se isso acontecesse.

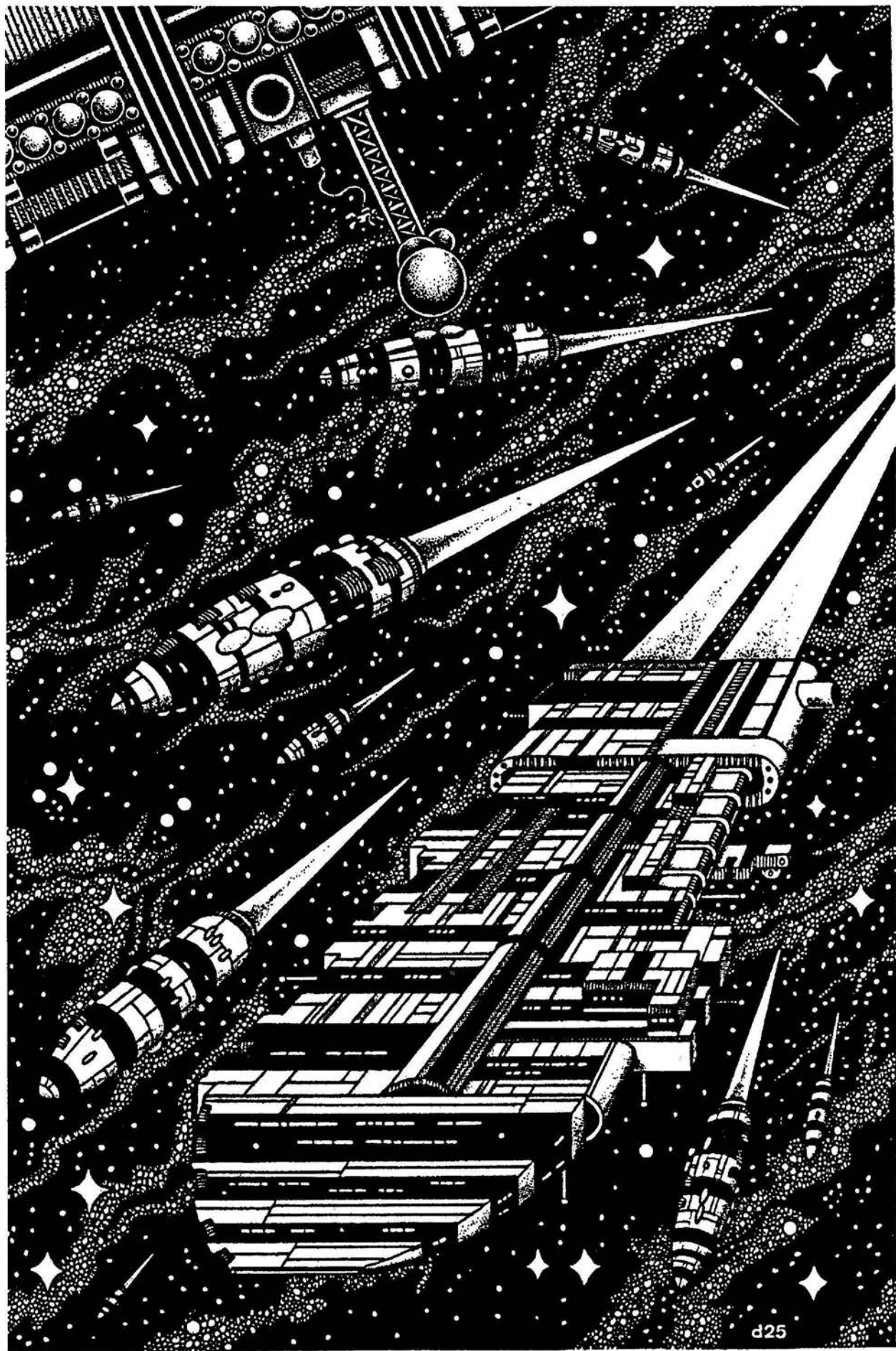
Em 1995 o CLFC realizou uma oficina literária, uma Mostra de Ficção Científica, um concurso de contos, um debate entre fãs e professores universitários, talvez duas dezenas de palestras em dois estados.

Em seus primeiros dez anos, foram cinco Mostras de Ficção Científica, e participações em vários outros eventos — seminários, binerais do livro — em parceria com outras entidades, uma centena de palestras sobre os mais variados temas. Dentro do Clube de Leitores de Ficção Científica surgiu o primeiro e único movimento literário dentro da ficção científica brasileira, fanzines e antologias amadoras foram produzidas a partir do Clube, autores que se exercitaram primeiro nas páginas do *Somnium* ganharam publicações profissionais, parte da FC em língua portuguesa foi catalogada e sistematizada, e uma coleção de FC foi retomada por causa do Clube. Um bocado, mas ainda pouco.

O que estaremos realizando nos próximos dez anos?

Muito.

Fique por perto. Chegue mais perto. Vai valer a pena.



d25

JÚLIO VERNE: EM TORNO DE UMA VIDA¹

Traduzido do inglês por Sylvie Malbrancq, e do francês por A.G.R.D., publicado no *Magazine Littéraire*, No. 281, outubro de 1990.

A entrevista que se segue é uma raridade. Realizada em 1893 e publicada nos EUA no ano seguinte, permaneceu inédita na França até outubro de 1990, ao ser publicada na Magazine Littéraire. Revela um homem no ocaso da vida, adoentado e sem esperança de obter o reconhecimento que sempre desejou em sua pátria, embora tenha, mesmo em vida, obtido uma legião de leitores tanto na Europa como na América. Sobretudo, revela um pouco do processo criativo do grande precursor da moderna FC ocidental, que inspirou muitos leitores e influenciou muita gente na procura de textos de ficção-científica. Nesse ponto é importante notar que Verne não era apaixonado por ciência, mas por avanços industriais, e principalmente por geografia. Viajar, para ele, era a grande aventura. Seus escritos evidenciam isso, e sua imaginação criava as condições técnicas para impulsionar a trama. Dono de um espírito determinado, detalhista, grande leitor e preocupado em criar um estilo elegante, ele costumava anotar tudo o que achasse interessante para poder utilizar num conto ou num romance futuros. Essas qualidades o tornaram um escritor que soube conferir verossimilhança às suas aventuras, que aliada ao ritmo, ao humor e à originalidade dos temas, fizeram de Júlio Verne um verdadeiro imortal. Mesmo que a Academia Francesa o tenha esnobado, o que costuma acontecer com os autores de fantasia e congêneres. (Finisia Fideli)

“O grande desgosto da minha vida foi jamais ter sido reconhecido na literatura francesa.” Ao pronunciar estas palavras, ele baixou a cabeça e na voz calorosa e jovial soou uma nota de tristeza. “Eu não sou reconhecido na literatura francesa”, repetiu. Quem era este senhor idoso que falava assim, cabeça baixa, uma nota de tristeza na voz cordial? Um autor qualquer de folhetins baratos e populares, um homem de letras qualquer que jamais teve escrúpulos em declarar que considera sua pena um instrumento de fabricar dinheiro e que sempre preferiu possuir um lugar de destaque na Academia de Letras, em vez da glória e da honra? Não, por mais estranho e monstruoso que possa parecer, não era outro senão Júlio Verne. Sim, Júlio Verne, o vosso e o meu Júlio Verne, que encantou o mundo inteiro durante anos e continuará encantando através das gerações futuras.

Foi no ambiente agradável da sala de estudos da Sociedade Industrial de Amiens que o mestre pronunciou estas palavras, com uma tristeza que nunca mais esquecerei. Era como se confessasse uma vida malbaratada, o

desgosto de um homem velho, sem retorno. Senti-me penalizado ao ouvi-lo falar assim, e tudo o que pude fazer foi dizer, com entusiasmo sincero que, para mim e para milhões de outros, ele era um grande mestre, objeto de nossa admiração e nosso respeito incondicionais, o romancista que nos encanta muito mais do que qualquer outro. Porém, sacudindo a cabeça grisalha, ele repetiu mais uma vez: “Eu não sou reconhecido na literatura francesa.”

Setenta anos, sempre robusto e vigoroso, deixando de lado o fato de que manca, com uma fisionomia que lembra a de Vitor Hugo: como um velho capitão, vida plena e tez colorida. A pálpebra desce ligeiramente, mas o olhar é resoluto e claro, e de toda sua pessoa emana uma impressão de bondade e gentileza que sempre foram as características daquele sobre quem há anos escreveu Hector Malot: “Ele é o melhor dos meus melhores companheiros”; este homem que o frio e reservado Alexandre Dumas ama como a um irmão, e que jamais teve um único inimigo, a despeito de seu brilhante sucesso. Infelizmente tem preocupações quan-

to à saúde. Nos últimos tempos sua vista diminuiu e há momentos em que é incapaz de escrever, e dias em que uma gastrite o martiriza. Mas continua valente como sempre.

“Escrevi 66 volumes”, diz ele, “e se Deus me der vida, chegarei a 80”²

Júlio Verne mora na Av. Longueville em Amiens, esquina da Rua Charles Dubais, numa bela casa espaçosa que aluga. É uma casa de três andares, com três fileiras de cinco janelas que dão para a Av. Longueville, três para a esquina e três outras para a Rua Charles Dubois. As entradas — de carros e outros — estão nesta rua. As janelas da Av. Longueville dominam a vista magnífica da pitoresca mas brumosa Amiens, com sua catedral e outras construções antigas. Diante da casa, do outro lado da avenida, passa uma linha de estrada de ferro numa vala que, justamente em frente do escritório de Verne, desaparece sob um jardim público, onde se ergue um grande quiosque, no qual a fanfarrinha militar se apresenta quando o tempo está bom. Na minha opinião, tal associação constitui o distintivo do grande escritor: o trem, com o zum-

bido e o estrépito do ultra-modernismo, e o romance da música. E não é graças a esta associação da ciência e do industrialismo com tudo o que há de mais romântico na vida, que os romances de Verne possuem uma originalidade que não se encontra em nenhum outro escritor vivo, mesmo entre os que são mais reconhecidos na literatura francesa?

Um alto muro se ergue na Rua Charles Dubois, e oculta aos olhares do transeunte o pátio e o jardim da casa de Verne. Desde o instante em que bati à pequena entrada do lado e que em resposta ao carrilhão a porta se abriu, encontrei-me num pátio calçado. Em frente, a cozinha e as dependências comuns; à esquerda, um belo jardim ornado de árvores; e à direita, a casa, à qual conduzem largos degraus que se estendem pela fachada. Por uma varanda cheia de flores e de palmeiras, a porta de entrada dá ao visitante acesso ao salão. É uma peça ricamente mobiliada, com mármore e bronzes, exuberante e rica decoração, poltronas bastante confortáveis — a peça de um homem abastado, que usufrui de lazeres, mas sem ostentação. Tem o ar de ser pouco utilizada, o que, aliás, é verdade. O Sr. e a Sra. Verne são pessoas bastante simples que de maneira nenhuma se preocupam com aparências, mas antes de tudo com a tranquilidade e o conforto. A grande sala de refeição, contígua, também raramente é utilizada, a não ser em ocasião de grandes jantares ou festas de família; o romancista e sua esposa habitualmente tomam suas refeições em uma pequena peça ao lado da cozinha. Do pátio, o visitante pode notar ao lado da casa uma torre elevada. A escada que leva aos andares superiores está nessa torre, e no alto ficam os aposentos privativos do Sr. Verne. Um corredor forrado com um tapete vermelho, semelhante ao da escada, com desenhos de marinha e outros, leva a um pequeno cômodo de canto, mobiliado com uma simples tarimba. Junto da janela fica uma pequena mesa, sobre a qual pode-se ver folhas de papel muito bem cortadas. Sobre a coluna de uma pequena chaminé estão duas estatuetas, uma de Molière e outra de Shakespeare, e mais em baixo está pendurada uma aquarela

que representa um iate a vapor entrando na Baía de Nápoles. É neste cômodo que trabalha Verne.

A grande sala vizinha é uma biblioteca repleta de livros, cujas prateleiras vão do solo até o teto.

Sobre seu método de trabalho, Júlio Verne diz: “Levanto-me todas as manhãs antes das 5 horas — um pouco mais tarde, talvez, no inverno — e às 5 horas já me instalo na minha escrivaninha até às onze horas. Trabalho muito lentamente e com o maior cuidado, escrevendo e reescrevendo até que cada frase tome a forma que desejo. Sempre tenho na cabeça pelo menos dez romances em andamento, assuntos e intrigas tão bem preparadas que, veja, se Deus me conceder vida, poderei sem dificuldade terminar os oitenta de que falei. Mas é sobre as provas que passo a maior parte do tempo. Nunca fico satisfeito antes da sétima ou oitava prova, corrijo e torno a corrigir até que se possa dizer que a última prova traz apenas traços do manuscrito. O que supõe um grande sacrifício de “minha algibeira” como também do tempo, mas sempre aperfeiçoado a forma e o estilo, se bem que jamais alguém me faça justiça.”

Estávamos na biblioteca da Sociedade Industrial. Diante do Sr. Verne havia, de um lado, uma pilha de provas, “o sexto jogo”, diz ele, e de outro um longo manuscrito que eu olhava com interesse, “mas”, diz o romancista com um sorriso caloroso, “é um simples relatório que devo remeter ao conselho municipal de Amiens, do qual sou membro³. Interesse-me muito pelos assuntos da cidade”.

Pedi ao Sr. Verne que me falasse de sua vida e seu trabalho e ele respondeu que me contaria coisas que nunca tinha dito antes. A primeira questão se referia à sua juventude e à sua família.

“Nasci em Nantes, 8 de fevereiro de 1828. Portanto estou agora com 76 anos, e é sobre minhas impressões da velhice que se deveria questionar, de preferência às lembranças da infância. Éramos uma família muito feliz. Nosso pai, um homem admirável, era parisiense de nascimento ou, antes, por adoção, pois nasceu em Bril e foi

educado em Paris, onde seguiu os estudos universitários e obteve o diploma de advogado. Minha mãe era de Morlaix, portanto tenho sangue bretão e parisiense ao mesmo tempo.”

Estas particularidades são interessantes do ponto de vista psicológico e ajudam a compreender o personagem Júlio Verne, que une amor pela solidão, o lado religioso e a adoração pelo mar bretão, à jovialidade, ao saber-viver e à alegria de viver do grande cidadão — “É um cidadão completo” — escreveu Claretie.

* * *

“Tive uma infância bastante feliz. Meu pai era procurador e advogado em Nantes e tinha uma boa situação. Era um homem culto e de gostos literários seguros. Escreveu canções numa época em que elas ainda se escreviam na França, isto, entre 1830 e 1840. Mas não era alguém que tivesse ambição e, se bem que ele se distinguisse com os escritos que tinha escolhido terminar, evitou de todas as maneiras a publicidade. Suas canções eram cantadas em família; poucas foram impressas. Reconheço que nenhum de nós é ambicioso. Procuramos ser felizes na vida e fazer tranqüilamente nosso trabalho. Meu pai morreu em 1871, aos 73 anos.” (Veja, ele poderia ter dito: “Tinha dois anos quando o século nasceu”, para se distinguir da célebre nota de Vitor Hugo sobre a data de seu nascimento.) “Minha mão morreu em 1885, deixando 32 netos e, se contarmos os primos e primos-irmãos, 97 descendentes⁴. Todos os filhos viveram; ou, em outras palavras, a morte não levou nenhum dos cinco filhos. Dois rapazes e três moças, e ainda vivem. Na Bretanha as pessoas têm uma constituição forte. Meu irmão Paul era e continua sendo meu amigo mais querido. Sim, posso dizer que não é somente meu irmão, mas também meu amigo mais íntimo. E nossa amizade data do dia mais distante que eu posso recordar. Que passeios fazíamos juntos em barcos, pelas águas do Loire! Aos 15 anos tínhamos explorado todos os cantos e recantos até o mar. Como eram perigosos esses barcos e que riscos corríamos! Às vezes era eu o capitão, às vezes Paul. Mas Paul era o melhor de nós dois.

Quando, depois, entrou para a marinha, ele poderia ter-se tornado um oficial de destaque se não fosse um Verne — isto é, se tivesse tido alguma ambição.

“Comecei a escrever com a idade de doze anos. Unicamente poesia, horrível poesia. Todavia, lembro-me de uma mensagem que compuz pelo aniversário de meu pai — o que na França chamamos cumprimento — que acharam muito boa e fui tão felicitado que me senti orgulhoso. Lembro-me até que na época eu dedicava muito tempo aos meus escritos, recopiando e corrigindo e nunca verdadeiramente satisfeito com o que havia feito.

“Suponho que se deve ver no amor que eu tinha pela aventura e pela água o que, mais tarde, iria orientar minhas tendências como escritor. É certo que o método de trabalho que tinha desde então permaneceu por toda a vida. Penso que jamais fiz um trabalho descuidadamente.

“Não posso dizer que eu seja particularmente impulsionado pela ciência. Na verdade nunca fui, isto é, jamais segui estudos científicos, nem mesmo fiz experiências. Quando era jovem, porém, adorava observar o funcionamento de uma máquina. Meu pai tinha uma casa de campo em Chantenay, na embocadura do Loire, e ao lado existe a usina de Indret, que pertence ao Estado. Nunca fui a Chantenay sem entrar nesta usina e olhar as máquinas funcionando, de pé durante horas. Este gosto me acompanhou por toda a vida e hoje sempre tenho prazer em olhar uma máquina à vapor ou uma bela locomotiva em velocidade, tanto quanto contemplar um quadro de Rafael ou Corrège. O interesse pelas indústrias sempre foi um traço marcante de meu caráter, tão marcante, bem entendido, quanto meu gosto pela literatura, do qual falarei daqui a pouco, e quanto ao prazer que me proporcionam as belas artes, em cada museu ou galeria; sim, poderia dizer, toda galeria de arte, seja qual for sua importância na Europa. A usina de Indret, nossas excursões pelo Loire e os versos que eu rabiscavam constituíam os três principais prazeres e ocupações de minha juventude.

“Fui aluno do Liceu de Nantes, onde

permaneci até a classe de retórica, depois enviaram-me a Paris, para estudar Direito. Minha matéria preferida sempre foi a geografia, mas, na época eu que fui para Paris, estava inteiramente absorvido pelos projetos literários; no mais alto grau a influência de Vitor Hugo, bastante apaixonado pela leitura e releitura de suas obras. Podia recitar de cor páginas inteiras de *Notre Dame de Paris*, mas foram as peças de teatro que mais me influenciaram, e foi sob essa influência que aos 17 anos escrevi algumas tragédias e comédias, sem contar os romances. Por exemplo, escrevi uma tragédia em cinco atos, em verso, intitulada *Alexandre VI*, a tragédia do papa Borgia. Uma outra também em cinco atos, em versos, na mesma época, foi *La Conspiration des poudres*, com Guy Fawkes como herói. *Un drame sous Louis XV* foi outra tragédia em verso, e como comédia fiz uma em cinco atos chamada *Les Heureux du Jour*. Todo este trabalho era feito com o maior cuidado, uma preocupação constante quanto ao estilo. Sempre procurei esmerar-me no estilo, o que nunca foi reconhecido.

“Cheguei em Paris como estudante no momento em que a “costureirinha” e tudo o que isto implicava desaparecia do Quartier Latin. Não posso dizer que freqüentava muito os quartos de meus companheiros de estudo, porque, você sabe, nós, os bretões, somos um povo de clã, e quase todos os meus amigos eram colegas de Nantes, que chegaram à Universidade de Paris ao mesmo tempo que eu. Quase todos eram músicos e, nesse período de minha vida, eu era eu-mesmo. Compreendia a harmonia e acredito que se tivesse me empenhado numa carreira musical teria tido menos dificuldades para progredir do que muitos outros. Victor Massé era um de meus colegas. Delibes também, com quem tinha mais intimidade. Nós nos paporicávamos. Eram amigos que tinha feito em Paris. Entre os amigos bretões havia Aristide Hignard, um músico que, embora tenha obtido o segundo Prêmio de Roma, jamais se sobressaiu. Havia colaboração. Eu escrevia as letras, ele a música. Compusemos uma ou duas

operetas que foram encenadas, e canções.

“Uma dessas canções, intitulada *Les Gabiers*, interpretada pelo barítono Charles Bataille, ficou muito popular na época. Lembro-me do refrão: ‘Alerta./Alerta, crianças, alerta./O céu é azul, o mar é verde./Alerta, alerta.’

“Um outro amigo da época de estudante, que se manteve depois, chamava-se Leroy, atualmente deputado por Morbihan. Mas, aquele por quem tenho a maior grãtidão e afeição é Alexandre Dumas Filho, que encontrei pela primeira vez aos 21 anos. Tornamo-nos amigos logo em seguida. Ele foi o primeiro a encorajar-me. Diria mesmo que foi meu primeiro protetor. Atualmente não o vejo mais, porém, enquanto viver não esquecerei sua gentileza e a dívida que tenho com ele. Apresentou-me a seu pai; trabalhou em colaboração comigo. Escrevemos juntos uma peça intitulada *Pailles rompues*, que foi encenada no Ginásio, e uma comédia em três atos, *Onze jours de siège*, representada no Teatro de Vaudeville. Eu vivia então com uma pequena “mesada” enviada por meu pai e sonhava com a sorte, o que me levou a uma ou duas especulações na Bolsa. Preciso dizer que elas não realizaram meus sonhos. Mas tirei proveito das visitas assíduas aos bastidores da Bolsa, porque foi lá que aprendi a conhecer as peripécias do comércio, a febre dos negócios que utilizei em meus romances.

“Enquanto especulava na Bolsa, colaborava com Hignard nas operetas e canções, e com Alexandre Dumas nas comédias, e enviava novelas a magazines. Minha primeira obra apareceu em *Musée des Familles*, onde você pode encontrar a história de um louco em um balão, que marca o início da linha que estava destinado a seguir em meus romances⁵. Era então secretário do Teatro Lírico, depois de M.Perrin. Eu adorava o palco e tudo o que havia ao redor e escrever peças é o trabalho que sempre me proporcionou o maior prazer.

“Estava com vinte e cinco anos quando escrevi meu primeiro romance científico. *Cinq semaines en ballon*. Foi publicado por Hetzel em 1861⁶ com sucesso imediato.”

Neste momento interrompi o Sr. Verne: "Gostaria que me contasse como escreveu este romance, porque e qual foi o trabalho de preparação. O senhor conhecia o funcionamento de um balão ou tinha alguma experiência?"

"Nenhuma", respondeu. "Escrevi *Cinq semaines en ballon* não como uma história centrada na ascensão em balão, mas, de preferência, na África. Sempre tive paixão pela geografia e pelas viagens, e queria fazer uma descrição romântica da África. Não havia nenhum outro meio de conduzir meus viajantes através da África que não fosse o balão, eis porque o introduzi na história. Na época eu ainda não tinha subido, na verdade só viajei uma vez de balão. Foi em Amiens, muito tempo depois da publicação do romance⁷. Só 'três quartos de hora em um balão', porque um pequeno incidente ocorreu no momento da partida. Godard, o aeronauta, estava abraçando seu filhinho, quando o balão se foi e tivemos que conservar o menino conosco, e o balão estava tão carregado que ele não pôde ir muito longe. Voamos até Longeau, no entroncamento ferroviário por onde você passou para chegar aqui. Posso dizer que na época em que escrevi esse romance, como ainda hoje, eu não acreditava na possibilidade de dirigir um balão, salvo em uma atmosfera completamente

estática, como nesta sala, por exemplo. Como se pode fabricar um balão capaz de enfrentar correntes que fazem seis, sete ou oito metros por segundo? É um sonho puro e simples, se bem eu acredite que, se a questão for resolvida um dia, será com uma máquina mais pesada do que o ar, segundo o princípio do pássaro, que pode voar embora seja mais pesado do que o ar que ele desloca."

"Então o senhor não possuía dados científicos em que se apoiar?"

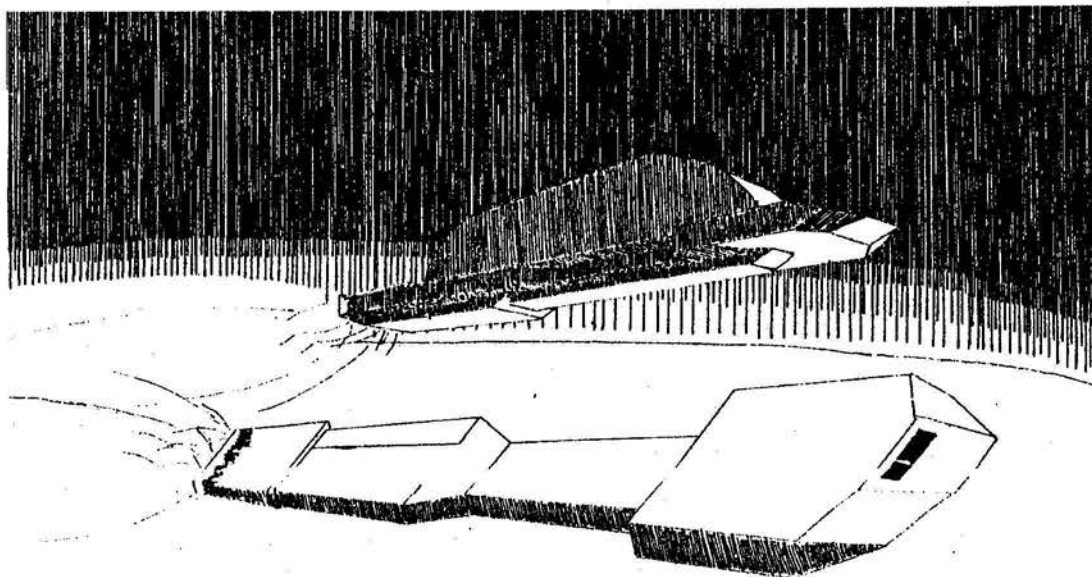
"Nenhum. Direi mesmo, nenhum estudo científico, embora no decorrer de minhas leituras encontrasse muita coisa, aqui e ali, que tiveram sua utilidade. Posso assegurar-lhe que sou um grande leitor e sempre tenho um lápis à mão. Trago sempre comigo um caderno, e como o personagem de Dickens, logo de início anoto tudo o que me interessa ou que poderá servir para meus livros. Para lhe dar uma idéia: venho aqui todos os dias após a refeição do meio-dia, entrego-me imediatamente ao trabalho e leio do começo ao fim quinze jornais diferentes, sempre os mesmos quinze, e digo-lhe que pouca coisa escapa à minha atenção. Quando vejo alguma coisa interessante, anoto. Em seguida leio as revistas, como *La Revue bleue*, *La Revue rose*, *La Revue des deux monde*, *Cosmos*, *La Nature* por Tissandier, *L'Astronomie* por Flammarion. Leio também por

inteiro os boletins das Sociedades Científicas e, em particular, os da Sociedade Geográfica, porque, note bem, a geografia é ao mesmo tempo minha paixão e meu tema predileto de estudo.

"Possuo todas as obras de Reclus — tenho grande admiração por Elisée Reclus — e tudo de Arago. Leio também, e releio, pois sou um leitor muito atento, a coleção *Le tour du monde*, uma série de narrativas de viagens. Até o momento acumulei muitos milhares de notas sobre todos os assuntos, e hoje tenho pelo menos vinte mil anotações que poderiam servir em meu trabalho, e que ainda não foram utilizadas. Várias dessas notas foram tiradas de conversas com pessoas. Adoro ouvir pessoas falarem, com a condição de que falem sobre assuntos que conheçam."

"Como lhe foi possível fazer o que fez sem estudo científico de espécie alguma?"

"Tive a oportunidade de entrar no mundo em um momento em que já existiam dicionários sobre todos os assuntos possíveis. Bastava eu encontrar no dicionário o assunto sobre o qual procurava um esclarecimento, e pronto. É certo que com muitas leituras consegui inúmeros dados e, como já disse, guardo na cabeça fragmentos de informações científicas. Foi assim que um dia, num café em Paris, enquanto lia, no *Le Siècle*, que



M
16/07/1920
12/11/1910

um homem podia viajar oitenta dias ao redor da Terra, imediatamente imaginei que eu poderia aproveitar de uma diferença de meridiano, e fazer meu viajante ganhar ou perder um dia em sua viagem. Tinha encontrado o desenrolar que procurava. A história foi escrita muito tempo depois. Guardo idéias na lembrança durante anos — às vezes dez ou quinze — antes de lhes dar forma.

“Meu objetivo foi mostrar a Terra, não somente a Terra, mas o Universo, porque, em meus romances algumas vezes transporte meus leitores para regiões além da Terra. Procurei ao mesmo tempo atingir um ideal de estilo. Dizem que não pode haver estilo em um romance de aventuras, mas não é verdade; porém admito que é muito mais difícil escrever em um bom estilo literário esse tipo de romance do que estudos de caracteres hoje tão em voga. Confesso”, e então Júlio Verne ergueu ligeiramente os largos ombros, “que não sou grande admirador do chamado romance psicológico, porque não vejo o que um romance tem a ver com a psicologia e não posso dizer que admiro os ditos romancistas psicológicos. Entretanto, faço exceção a Daudet e Maupassant. Tenho a maior admiração por Maupassant. É um gênio, que recebeu do Céu o dom de escrever sobre tudo e que produz com tanta naturalidade e facilidade quanto a macieira que produz maçãs. Todavia, meu autor favorito é, e sempre foi, Dickens. Não conheço além de uma centena de termos ingleses, por isso o leio traduzido. Mas, afirmo-lhe, senhor”, Verne colocou a mão sobre a mesa, insistindo, “que li tudo de Dickens pelo menos dez vezes. Não posso dizer que o prefiro a Maupassant, porque não há comparação possível entre os dois. Mas gosto imensamente dele, e em meu próximo romance, *P'tit-Bonhomme*, dou provas disto e de meu reconhecimento. Sou também e sempre fui grande admirador dos romances de Cooper. Há quinze deles que considero imortais.”

Depois, falando como se sonhasse, Verne acrescentou: “Dumas muitas vezes me dizia, quando eu lamentava que não era reconhecido meu lugar na literatura francesa: ‘Você de-

veria ter sido um autor americano ou inglês. Assim, seus livros traduzidos para o francês lhe teriam dado enorme popularidade na França e você teria sido considerado por seus compatriotas um dos maiores mestres da ficção.’ Mas, sendo as coisas como são, eu não conto na literatura francesa. Há quinze anos, Dumas propôs meu nome para a Academia Francesa, e, como vários amigos ali tinham assento, Labiche, Sandoz e outros, parecia haver uma chance de que eu fosse eleito e meu trabalho oficialmente reconhecido. Mas isso jamais aconteceu e hoje, quando recebo cartas da América dirigidas a “M. Jules Verne de l'Académie française”, sorrio comigo mesmo. Desde o dia em que se propôs meu nome, não menos de quarenta e duas eleições se processaram na Academia Francesa que, por assim dizer, se renovou inteiramente, porém, fui sempre ignorado.”

Foi então que Verne pronunciou as palavras que coloquei no início desta entrevista, por causa de sua importância.

Para mudar de assunto, pedi ao mestre que falasse de suas viagens.

“Viajei de iate para meu prazer, mas sempre com a idéia de tomar notas para meus livros. Foi uma preocupação constante e cada um de meus romances se beneficiou com minhas viagens. Por exemplo, em *Le billet de loterie* encontra-se o relato de experiências pessoais e observações feitas no decorrer de uma viagem à Escócia, nas ilhas de Iona e Staffa, assim como de uma viagem na Noruega em 1862, quando se subiu o canal de Estocolmo a Cristiana, passando por noventa e sete eclusas, uma viagem extraordinária de três dias e três noites em um *steamer*, e quando se foi de caleça pela parte mais selvagem da Noruega, o Telemark, e se visitou as quedas do Gosta, de uma altura de novecentos pés. Em *Les Indes noires* narrei a viagem pela Inglaterra e minha visita aos lagos escoceses. *Une ville flottante* surgiu da viagem pela América no Great Eastern: fui a New York, visitei Albany e vi as quedas do Niagara e tive uma sorte formidável e a alegria de ver o Niagara todo coberto de gelo. Era 14 de abril, e havia torrentes de água que despencavam pelos

mordentes abertos do gelo. *Matias Sandorf* veio de um cruzeiro de Tânger a Malta em um iate, e *Saint-Michel*, batizado como meu filho Michel, que me acompanhou, juntamente com sua mão e meu irmão Paul. Em 1878, com Raoul Duval, Hetzel filho e meu irmão, viajei de iate pelo Mediterrâneo, uma viagem muito instrutiva e bastante agradável. Viajar era o prazer da minha vida e foi com muita tristeza que tive de abandonar tudo, em 1886, depois de um acidente. Você deve conhecer esta triste história, em que um de meus sobrinhos, que me adorava, veio verme um dia em Amiens, e que, depois de ter resmungado qualquer coisa, pegou um revólver e atirou em mim, ferindo-me a perna esquerda e me tornando enfermo pelo resto da vida. A ferida nunca cicatrizou e a bala nunca foi extraída. O menino tinha ficado perturbado e disse que agira desse modo para atrair a atenção para minha candidatura à cadeira da Academia Francesa. Ele está agora num asilo e receio que nunca fique curado. O grande desgosto que isso me causa é, sobretudo, nunca mais poder rever a América. Queria tanto ir a Chicago este ano, mas, neste estado de saúde, e com esta ferida constante, é completamente impossível. E eu amo tanto a América e os americanos! Quando escrever para a América, não deixe de dizer-lhes que, se eles gostam de mim — estou certo que sim, porque todos os anos recebo dos Estados Unidos milhares de cartas — correspondo com todo o meu coração à sua afeição. Oh! Se ao menos pudesse vê-los, seria a grande alegria da minha vida!

“Se bem que em meus romances a maior parte dos dados geográficos provêm de observações pessoais, às vezes confio em minhas leituras, para as descrições. Foi assim no romance de que falei, *P'tit-Bonhomme*, que vai sair, quando descrevo as aventuras de um rapaz na Irlanda, desde a idade de 2 até 15, quando ele fez a sua fortuna e a de seus amigos, e que é o desfecho do romance. Ele dá volta por toda a Irlanda e, como nunca estive lá, as descrições de paisagens e localidades foram inspiradas em outras obras.

“Em meu trabalho, estou vários anos

adiante. O próximo romance, isto é, o que será publicado no próximo ano, *Les aventures mirifiques de Maître Anfter*, está completamente pronto. É a história de um pesquisador e descobridor de tesouros, e a intriga gira em torno de um problema geométrico muito curioso. Atualmente estou preso ao romance que aparecerá em 1895, mas nada posso dizer sobre ele, porque ainda não tomou forma. Entre os dois, escrevo novelas. No próximo número de Natal do *Figaro* sairá um de meus contos, *M. Ré-dièze et Mlle. Mi-beniol* (ré sustenido e mi bemol, como você sabe, são a mesma nota no piano). Vê onde quero chegar? Ali, meus conhecimentos musicais entraram em jogo. Nunca se perde nada do que se aprendeu.

“Muitas vezes me pergunto, como você o fez, porque resido em Amiens, eu que sou inteiramente parisiense por instinto. Pois bem, é porque, como já lhe disse, tenho sangue bretão e amo a paz e a tranquilidade, e só poderia ser mais feliz em um claustro. Uma vida tranqüila de estudo e de trabalho é um prazer.

“Vim a Amiens pela primeira vez em 1857 ou 58⁸, quando encontrei a jovem que se tornaria minha esposa e que, na época, se chamava Madame de Vianne e era viúva, com duas filhas. Depois, os laços familiares e a tranquilidade do lugar me prenderam. E foi muito bom, pois, como Hetzel me disse outro dia, se tivesse ficado em Paris, eu teria escrito uns dez romances a menos. Amo demais a vida que levo aqui. Já contei como trabalho pela manhã e leio

à tarde. Faço exercício o mais possível. É o segredo da minha saúde e da minha vitalidade. Sempre fui apaixonado pelo teatro; aliás, todas as vezes que uma peça é encenada aqui, pode estar certo de encontrar Madame Júlio Verne e o marido em seu camarote. Nestes dias jantamos no Hotel Continental⁹, para sairmos um pouco e darmos folga para os empregados.

“Nosso filho único, Michel, mora em Paris, casado e com filhos. É um competente escritor de assuntos científicos. Só tenho um animal; seu retrato aparece na foto de casa; é o meu velho cão, Follet.”

Depois, coloquei uma questão que, embora indiscreta, me parecia necessária. Ouvira dizer que os rendimentos que ele auferia de seus maravilhosos livros eram inferiores ao de um jornalista comum. E de fonte bastante autorizada soubera que Júlio Verne jamais ganhou, em média, mais de cinco mil dólares por ano. Ao que ele responde:

“Preferiria nada dizer sobre isto. É verdade que meus primeiros livros, inclusive aqueles que tiveram o maior sucesso, foram vendidos pelo décimo de seu valor; mas, após 1875, isto é, após *Michel Strogoff*, minhas normas mudaram e me dão uma participação honesta nos benefícios de meus romances. Não tenho do que me queixar. Tanto melhor se meu editor lucrou igualmente. Certamente eu poderia lamentar não ter feito melhores contratos para meus livros. Assim, *Le Tour du Monde*, sozinho, na França, conseguiu levantar dez mi-

lhões de francos, e *Michel Strogoff*, sete milhões, dos quais recebi muito menos do que me cabia. Eu, porém, não sou e jamais fui homem para ganhar dinheiro. Sou homem de letras e artista, vivendo à procura de um ideal, lançando-me selvagememente a uma idéia, e ardendo de entusiasmo por meu trabalho; e quando está terminado ponho de lado, esquecendo tudo a tal ponto que muitas vezes sento-me em minha mesa, tomo um romance de Júlio Verne e o leio com prazer. E eu teria preferido um milhão de vezes um pouco de justiça por parte de meus compatriotas do que os milhões de dólares que os livros poderiam ter-me rendido. É isto que lamento e sempre lamentarei.”

Lancei uma olhadela para a roseta vermelha de oficial da Legião de Honra presa na lapela da jaqueta azul e confortável do mestre.

“Sim”, disse ele, “é um pouco de reconhecimento”; depois, com um sorriso: “Fui o último a ser condecorado sob o Império. Duas horas depois da assinatura do meu decreto, o Império havia deixado de existir. Minha promoção ao grau de oficial foi assinada no mês de julho do derradeiro ano. Mas, não aspiro mais às condecorações daqui por diante. O que eu queria é que se notasse o que fiz ou tentei fazer, e que não se negligenciasse o artista no contista. Eu sou artista”, repetiu Júlio Verne, inteiriçando-se e batendo vigorosamente o pé no tapete.

“Eu sou artista”, diz Júlio Verne. Na América, não importa quantos leitores haja, isto ecoará.

¹ Esta entrevista apareceu sob o título de “Jules Verne at home: His own account of his life and work”, in *McClure's Magazine*, vol. II, No. 2, janeiro de 1894.

² Júlio Verne contabiliza seus escritos em volume; é obrigado por contrato com Hetzel, a publicar dois volumes por ano. Conforme sua extensão, os romances representam um, dois ou três volumes. Por exemplo, *Cinq semaines en ballon* vale por um romance, *Vingt mille lieues sous les mers*, por dois, e *Les enfants du capitaine Grant*, por três. Os volumes 76º e 77º correspondem às duas partes de *P'tit Bonhomme*, que surge algum tempo depois desta entrevista, em novembro de 1893.

³ Trata-se do relatório sobre o aproveitamento do Teatro municipal apresentado ao Conselho Municipal de Amiens por ocasião da sessão de 17 de janeiro de 1894.

⁴ A mãe de Júlio Verne morreu em 1887.

⁵ *Un voyage en ballon*, Musée des Familles, agosto de 1851.

⁶ *Cinq semaines en ballon* foi escrito em 1862 e Júlio Verne tinha trinta e quatro anos (e não vinte e seis). O romance foi publicado por Hetzel em 1863.

⁷ O relato dessa subida foi publicado por Verne em 1873 sob o título *Vingt-quatre minutes en ballon*.

⁸ Sic: foi em 1856, mas os Verne se casaram em 1857.

⁹ O Hotel Continental, hoje desaparecido, ficava na rue des Trois-Cailloux, No. 62, em frente ao Teatro.

I CONCURSO DE CONTOS DO CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA



LUCY IN THE SKY WITH DIAMONDS

Guilherme Carvalho dos Reis Lima

Pela primeira vez o CLFC promove um concurso de contos, como um modo de incentivar a produção de ficção científica e fantasia por nossos associados. Uma das regras determinava, dentro do espírito de descobrir novos nomes, que nenhum autor que houvesse publicado dois ou mais contos profissionalmente, pudesse concorrer. Nove contos foram inscritos. Os jurados foram o editor Gumercindo Rocha Dorea (SP), e os autores Finisia Fideli (SP) e Gerson Lodi-Ribeiro (RS). O conto vencedor, escolhido por unanimidade pelos jurados, foi "Lucy in the Sky with Diamonds", de Guilherme Carvalho dos Reis Lima, um sócio de Joinville, Santa Catarina, do qual sabemos muito pouco. De qualquer modo, da parte dos jurados, a ele vão os nossos votos de que este conto seja apenas o primeiro de muitos, em uma trajetória de sucesso e contribuição significativa para a ficção científica brasileira.

Os jurados acharam por bem não escolher outros trabalhos para segundo e terceiro lugares. O concurso poderá ser repetido em outros anos.

— Lucy, eu não vou deixar você.

Ela não entende.

É manhã.

Lucy e eu estamos sentados numa vala embaixo de uma árvore, comendo mangas (meus dedos estão imundos e o suco corre pelo meu queixo e braços — eu nunca fui tão feliz!). Lucy está a meio metro de mim, toda lambuzada, pintada de amarelo, silente... me olha com o canto do olho e... sorri! (Ela sabe que me agrada.)

É manhã de primavera.

Lucy de repente abre os braços e fala alegremente:

— Oganimalenaluerôooo-olibi...

Damasceno diz que noventa por cento do que eles falam é interjeição; mas isso não é importante. Importante é ver os seus olhos, a acentuação da frase no "rôoo" e o movimento de sua barriga para entender que a fruta está deliciosa. Eu concordo concisamente:

— Rôoo. — É a melhor imitação que eu posso fazer de um som indescritível.

É manhã de 23 de setembro. Se é que se pode dar datas há três milhões de anos. Sei que faltam só três dias para irmos embora.

É manhã, mas o sol já está firme. Eu me levanto e limpo o suco do meu rosto com um pouco de grama. Nesse momento Lucy dá um peteleco na pequena deformação do espaço flutuando junto à sua cabeça, emitindo um grave "dó".

— Stá! — "Estrelas", é como ela chama o comunicador. — Owewo. — Só assim ela consegue falar "Anderson".

— Anderson wita iii. — Confirmo que quero vê-lo (ou que ele me espera) fazendo um movimento ondulante com o braço e apontando para o monte onde ele está.

— Odewo erôooo alalalá, ile iii... — e continua cantando interjeições intermináveis, enquanto levanta o seu pequeno corpinho maduro e limpa a boca com o dorso da mão.

Antes de sair do nosso local de refeição, ela ainda demora arrastando os pés, quase que ritualmente, como se quisesse enterrar os restos das mangas que comemos. Então ela dá uma pequena corridinha e me alcança — sempre perto de mim.

Preciso de mais cinco dias. Há um grupo de *Australopithecus africanus* se aproximando pelo sul — nós temos de ver o contato... No fundo há outros motivos e eu os conheço; o problema é que o resto da equipe também os conhece. Lucy me acompanha.

A nossa presença mudou em muito o comportamento do bando de Lucy. Antes eles não se espalhavam tanto na campina, mas agora, por algum motivo eles atribuíram a nós uma segurança absurda.

Lucy também mudou o seu comportamento. Nesses quatro meses ela se desfez dos três filhos que a seguiam, passando-os para outras fêmeas, inclusive o pequeno que ela ainda amamentava, e passou a me acompanhar. Roy, como chamamos o seu companheiro mais freqüente, continua, entretanto, a cortejá-la.

* * *

Anderson estava me esperando no alto do morro, avisando da minha aproximação pelo comunicador.

— Antes que você me pergunte — ele começou a falar; eu e Lucy ainda não tínhamos parado —, não! Os projetores já estão esquentando, a janela de tempo se aproxima e eu não fui pago para ficar nem mais um segundo aqui.

Eu o encarei e coloquei minhas mãos nas cadeiras. “Cre­tino.”

O vento soprou macio e eu me virei para a baixada, respirando aquele frescor. O campo baixo, um pouco recortado aqui e ali por uma árvore e lá atrás as montanhas abertas pela floresta. Estendo minha mão; agora estou morena. Tudo isso intocado. Três milhões de anos. O ar é claro e o céu azulíssimo. Meu Deus! — e eu, que sou atéia — isso é lindo!

— Raquel... — a voz melosa e seu hálito às minhas costas. Como esse homem consegue ainda ficar excitado comigo neste campo de nudismo permanente.

Corro alguns passos abaixo do morro e me viro.

— Eu *preciso* ver o contato! — falei, com a minha expressão de raiva mais convincente.

De repente um uivo australopiteco!

Despencamos todos juntos para o campo como um só corpo sob o chamado: eu, Lucy, Anderson e três outros australopitecos que conversavam com Anderson. Eu logo ao lado de Lucy.

De todos os lados pares e pequenos grupos de australopitecos convergiam para o nosso alvo, quase que do outro lado do campo. Uma pequena matilha de cinco cães selvagens — *Osteborus fero* — abatera um gamo — *Syntetocerus barnni* — e nós nos juntávamos para saqueá-lo.

Quando nem mesmo dez dos trinta australopitecos do nosso grupo se reuniram, a balbúrdia começou; os três humanos (eu entre eles) que já haviam chegado se uniram ao grupo. Levantávamos os braços e gritávamos a plenos pulmões palavras de ódio e de dor; alguns australopitecos rolavam no chão, batiam as mãos no peito e arreganhavam os dentes.

Havia se passado talvez dez minutos desde que o animal fora abatido e os cães já se encontravam saciados. Nos olharam indecisos e então Anderson perdeu a paciência e usou o comunicador para ampliar sua voz, que mais saiu como um trovão. Os cães se acovardaram e sob o avanço dos australopitecos mais afoitos eles se viraram e fugiram — uma questão de circunstância; noutro momento os australopitecos seriam a caça...

Mal os cães fugiram o bando de australopitecos se lançou sobre a carniça; as pequenas perturbações do espaço se chocando, fazendo um fundo dissonante com os gritos e ruídos de briga por um pedaço de vísceras que restasse. Em breve os vinte adultos se empilhavam sobre a carniça, disputando uma costela que fosse, enquanto as crianças aguardavam em torno.

Sem filhotes, afastei-me rápido, tendo conseguido um baço quase inteiro (às custas de uns poucos arranhões) e me juntei a Lucy, que devorava furiosa um pedaço de fígado. Sentei ao seu lado. Um filete de sangue escorria de sua frente.

Quando a conheci, uma australopiteca tão inteligente nos seus quinze anos presumíveis, e eu descobri sua atração por fígado, não pude resistir à tentação de chamá-la de Lucy (de “Lucy in the Sky with Diamonds”, dos Beatles), tal qual aquele esqueleto quase completo de uma australopiteca como ela, que Johanson descobriu aqui em Hadar, na Etiópia, pelos idos de 1970... (mas isso será daqui a três milhões de anos... ou daqui a três dias). Era um péssimo agouro fazer essa associação, quando se adivinha sua morte... mas ela atende e lhe cai exato.

Lucy ao meu lado, comia. Seu corpo de adulta e seios caídos (ela é menor do que meu filho de dez anos), negra, quase sem pêlos, como nós...

“Não converse com um australopiteco enquanto ele come carne.”

* * *

Nossa expedição faz parte do “primeiro estudo prospectivo de evolução humana”. Nos transferimos ao passado, identificamos os grupos, estudamos seus hábitos, analisamos seus traços genéticos e não genéticos e no total de mais de sessenta jornadas no tempo, traçaremos um modelo analítico da evolução e migração humana que deverá ser publicado em alguma edição especial do *Evolution Review* e citado em todos os livros-textos por anos. É claro que nossa equipe não fará todas as expedições...

Sou veterana. Minha última expedição foi a observação do *Dryopithecus* no norte da África, lá se vão quinze milhões de anos. A metodologia era completamente diferente, praticamente só os abordávamos através dos comunicadores e de capturas — eram criaturas ariscas e tão inteligentes quanto um gato. Desta vez fomos precedidos pela “sonda do tempo”, um observador que é lançado e capturado de volta por um “cruzador do tempo”, uma máquina do tempo umas dez vezes maior do que a nossa, capaz de um transporte contínuo apesar dos seus múltiplos contatos. Uma sondagem de quase três anos nos deu o momento exato em que esse grupo estaria aqui — faltam-nos só três dias.

A nossa metodologia agora envolve a “interação”, um método desenvolvido por Dian Fossey para observação dos gorilas em 1983, e aperfeiçoado por Teo Karamazov nos anos 10. Afinal, trata-se da primeira espécie com linguagem. Nos despimos, corremos com eles, dormimos com eles e comemos com eles. A interação se deu mais facilmente e produtivamente do que podíamos imaginar — talvez pela nossa aparência ou talvez por uma semântica atávica, como diz Damasceno, que nos tenha facilitado a interação.

Minha pele é castanha. Lucy está ao meu lado. A noite é estrelada, sem nuvens. Os australopitecos dormem empilhados, um encostado no outro no meio da campina — esse hábito eles não alteraram com a nossa presença. Mal o sol começa a se pôr toda a atividade cessa, eles se encontram, trocam carinhos e dormem. Ozbourne, um australopiteco atarracado, monta guarda sentado junto ao grupo, cheirando a brisa, perscrutando a escuridão — trata-se de um outro tipo de caçador.

Lucy tem os olhos fixos no céu. Eu a acompanho.

A brisa. Um cheiro a mais. Os grilos. Tudo é tranqüilo.

No céu as estrelas eu conheço. Elas não mudaram de posição. Se eu soubesse poderia lhes dar os nomes, se houvesse algum significado nisso... Meu filho saberia fazê-lo. Se eu conseguisse me lembrar dele.

De repente Lucy fala.

— Sta. — Eu não entendo. Então ela estica seu pequeno dedo gordo para cima e diz: — Sta, sta, sta — e percebo que ela fala comigo, com aquela concisão que roubou de mim, como se quisesse dominar cada uma das estrelas, todas elas iguais! Ela me surpreende e dá um pateleco no comunicador que eu não vira e que então adquire um brilho e se contorce como um caco de vidro, uma bola de gude... um pequeno diamante — Sta!

“Lucy in the Sky with Diamonds”

Sorrio e abraço minhas pernas e me perco em pensamentos...

Lucy me toca com o dedo e eu salto, num arrepio, como se algo que não me lembrasse quisesse ser lembrado, mas não pode. Com angústia: as lágrimas brotam dos meus olhos misturando as estrelas num caleidoscópio.

Me recosto junto ao grupo e com o aconchego de outro que se ajeita perto, eu durmo e sonho.

* * *

Acordo com o sol tentando subir sobre as árvores. É tarde. Os australopitecos já se dispersaram em pares pelo campo colhendo raízes e grilos preguiçosos. O frio da manhã percorre meu corpo e me estico.

Lucy está de cócoras perto, roendo um tubérculo que não identifico. Toco a ferida em sua testa (está seca). Lucy me sorri.

Vejo o broto amassado de uma batata-doce onde o grupo dormiu. Eu a escavo, tiro-lhe a terra e sento junto de Lucy. Com os dedos encardidos começo a desmanchá-la e comê-la.

Não há vento de manhã.

Lucy resmunga alguma coisa e suspira. Eu começo a pensar que o trabalho programado já acabou, não há mais nada a fazer por aqui — se ao menos eu conseguisse ver o contato...

Com muito vagar terminei a batata. Terminei de me espreguiçar e virei-me sobre meus joelhos para Lucy e toquei com as mãos seu peito e o solo.

— Lucy. Fica. — O som era irrelevante.

Ela me olhou desconcertada com os olhos que eu havia superado quando meu filho tinha cinco anos, e eu quase senti raiva dela, mas sim da missão, de Anderson, de tudo... “Não, eu não vou desmoronar!”

— Lucy. Fica.

Me levantei e segui para a nave sem olhar para trás. Era nossa instrução que nenhum deles entrasse na nave, e perto seria muito mais difícil controlá-los.

Eu precisava agora de só mais quatro dias. Talvez fosse possível. Anderson e Dimitri me avisaram pelo comunicador que me esperavam na nave.

* * *

A nave estava a dois quilômetros ao norte através do campo, e eu seguia tranqüila com o comunicador. Caso houvesse algum imprevisto ele poderia ser usado como percussor sônico, e pôr inconsciente qualquer animal. “Talvez por isso”, meditava. “Por essa segurança, tenhamos tornado tão pouco observadores.”

Alguns abutres — *Cathartes auratus* — circulavam no alto da campina — uma corrente ascendente de ar?

A nave repousava numa breve elevação. Quem esperasse uma nave “portátil” como a sonhada por H.G.Wells na virada do século XIX, ficaria desapontado — a nossa mais parecia um jumbo; pintada de azul, verde e prateado, lançando sua sombra para o oeste.

“Estamos dentro.”

Encontrei-os no único cômodo habitável da nave, a “sala”, com suas paredes lisas e de luz baixa, vindas de um outro mundo, uma outra realidade.

Quando os vi soube que já tinha perdido. Meu corpo enrijeceu.

“Só mais quatro dias...”

— Sente-se, Raquel — Dimitri me convidou. Obedeci. — Anderson estava me falando de suas pretensões de aguardar o bando de *africanus*.

— Eu já expliquei a ela que temos condicionantes técnicos...

— Não me venha com essa baboseira física de janelas do tempo, harmônicos e “ventos da história”(era um chiste)! Você é o único físico aqui e a besteira que você disser não vamos ter como se saber se é verdade ou não; mas todos nós sabemos que o retorno é adiável e você sabe que o que temos para fazer é muito importante!

— Nós já fizemos, Raquel — Dimitri inverveio. — Coletamos mais material do que esperávamos. — Contou nos dedos: — Temos testes psicológicos exaustivos de todo um bando; temos amostras de material genético e humoral, além dos padrões fisiológicos; temos dados do crescimento, de aprendizagem e das relações sociais, inclusive de corte e maternidade; temos seu padrão de sintaxe e semântica; temos o levantamento de todo o biotipo e de sua relação com ele. O trabalho, você já sabe, já terminou há cinco dias. Já sabemos o que fazem, o que comem, de que morrem, como se acasalam e o que pensam. Sem falar da gravação de quatro meses de quarenta comunicadores. Há material para ser analisado pelos próximos cinco anos.

Esperei que ele terminasse.

— Mas o contato é único!

— O contato dos *afaerensis* com os *africanus* é uma outra missão!

Apontei Anderson com meu braço, e falei mais alto do que devia:

— Os harmônicos, Dimitri. Pergunte a ele. É pratica-

mente impossível retornar duas vezes à mesma linha da história.

— Você está ligada a esse grupo específico, Raquel. — Anderson sabia ser mordaz. — Você acha que eles têm alma?

Sou atéia.

— Algo que os torna comuns aos humanos — falei com raiva, e com a mesma raiva gostaria de mastigar de volta cada palavra. Eles venceram.

Anderson voltou-se para Dimitri, com aquele olhar de “Não te disse?”

Queria matá-lo.

— Raquel, sou o comandante dessa missão e isto é uma ordem: Não se envolva.

E com a dignidade dos comandantes ele se levantou. Anderson também se levantou e começou a se dirigir à entrada. Me contive. O sucesso das viagens no tempo, eles conseguem.

* * *

Não quatro dias. Três milhões de anos.

Voltei para a campina quando a tarde já declinava, o sol tingindo as nuvens aqui e ali de rubro. Os pássaros voavam como pequenos farrapos.

Eu seguia um outro caminho, passando pela carcaça abandonada na véspera. Dois jovens mais glutões e menos experientes, de mais ou menos dez anos de idade, desmontavam os ossos com a ajuda de seixos afiados e os quebravam fazendo peso sob seus pés — um hábito raro, mas já estudado.

O trabalho já havia terminado.

...Para mim.

Encontrei Lucy sentada próximo ao lugar onde o grupo dormira no dia anterior — “Por que fui para lá?” Para sua sorte o grupo não havia se dispersado muito e se reunia relativamente perto — ela não ficara desprotegida. Parecia não ter se movimentado muito durante todo o dia.

Ela me olhou como uma criança que tivesse sido abandonada — ela já sabia. Ela sabia desde o princípio!

— Eu não ia desmoralizar...

Me ajoelhei defronte dela e a abracei.

* * *

A noite se avolumou e caiu.

O céu estava estrelado sobre nós quando nos levantamos e nos dirigimos para junto do grupo. Acendi o comunicador para nos iluminar o caminho naquela noite sem lua.

— Sta! — Lucy gritou, como toda a jovialidade que tinha.

* * *

Na manhã seguinte a equipe se levantou cedo e como se nada de especial houvesse, depois de nos alimentarmos nos reunimos e caminhamos juntos para a nave, enquanto os australopitecos se dispersavam rotineiramente.

Lucy permaneceu sempre à média distância, nos obser-

vando, junto à fêmea que amamentava seu filhote menor. Ela não se aproximou ou nos tocamos nesse dia — era melhor assim — e sumiu de vista parecendo ter se dispersado com os demais.

Por meu lado, me aproximei de Eva, que no caminho recitava alegremente suas últimas conclusões sobre a questão de aprendizagem e papéis sociais dos australopitecos. Procurava manter minha mente vazia e mal a ouvia. Meu coração se angustiava.

O sol firmou pintando de amarelo o matagal e tirando as cobras — *Crotalus africanus* — e aves variadas, de seu estado letárgico, e as movimentando. O espírito me invadia devagar, mas sem memórias e sem pensamentos.

Sorri.

Sol.

Na nave cada qual se lavou detidamente numa dependência do corredor. Inutilmente.

Como na jornada de aproximação nos injetamos fatores humorais de defesa e ingerimos concentrado de populações microbianas intestinais. Esse procedimento nos protegia de contrair uma infecção exótica ou de levarmos germes estranhos de uma época para outra — o que significaria uma epidemia. Na jornada de retorno eram nossos próprios os inóculos, extraídos quando partimos; na de aproximação os inóculos foram de amostras coletadas dos australopitecos pelo observador.

Como num ritual, nos vestimos com trajes elásticos brancos, luvas, sapatilhas e gorros, deixando expostos apenas nossos rostos bronzeados, mal reconhecíveis. Sobre o peito, em faixas verticais, nossas divisas.

Nos acomodamos em nossos assentos circunspectos. Anderson interpretava furiosamente as coordenadas no seu painel-de-físico. Então:

— Acionando os reatores. — E formalmente: — Senhores, queiram prestar atenção no holograma à sua frente, alertando-nos da aproximação de qualquer indivíduo do campo de atração da nave.

A projeção holográfica surgiu no centro do conjunto. Brigitte a viu:

— Australopiteco, um, no limite externo de segurança, 210 graus. Vou atordoá-lo com uma percussão sônica.

Era Lucy!

— Não!

Ela apenas iria nos ver. Um adeus.

Brigitte procurou os olhos de Dimitri. (Não sei.) Um pequeno aceno, ou uma desobediência voluntária salvou Lucy de uma dor insuportável.

— Projeção em andamento. Efetuando o mergulho temporal.

O holograma se pontilhou de pequenas ondulações brilhantes (deformações do espaço) enquanto mergulhámos. E então o inevitável: Lucy se lançou correndo contra a nave no instante em que penetrávamos no Abismo.

Inevitável. Irreversível.

Meu grito ocupou a sala. Era como se o tempo parasse.

Ela foi sugada para junto da nave e a escuridão a envolveu enquanto sua imagem crescia até quase ocupar todo o holograma. Mas houve algo — Anderson não soube explicar — Lucy não colidiu contra a nave mas flutuou a poucos metros. Sem dor, mas surpresa.

As deformações do espaço cintilaram (e ela sorriu).

Sua imagem se afastou, perdendo-se no nada.
Agarrei-me em pânico, escorregando para o chão, em prantos, com ânsias de vomitar.

* * *

Meses de nossas vidas se transformaram em segundos. Experiências sentidas em sombras etéreas, inócuas. Só no coração é que ficaram.

Anderson insistiu que nós vivemos apenas um harmônico. "Lucy, como os outros possíveis australopitecos, viveu, amou e morreu naquela planície da Etiópia e seus restos e essência estão lá, depositados em algum lugar de Hadar."

Não importa.

Eu sei.

Em algum lugar... como não existe um paraíso, eu sei...

algo de Lucy está mais adiante: "Lucy está no céu entre as estrelas."

Notas Finais (aos apaixonados por evolução humana)
— Lucy: esqueleto quase completo de uma *Australopithecus afarensis*, fêmea de aproximadamente 15 anos encontrada por Johanson na planície de Hadar, Etiópia, África em 1977. O nome foi dado devido à música "Lucy in the Sky with Diamonds", que tocava na rádio quando a encontraram.

— Atração por fígado: esqueleto de uma *Homo erectus*, fêmea de aproximadamente 12 anos, encontrado por Leakey a nordeste do Lago Turkana, Quênia, África, em 1984. Concluiu-se que ela (sem nome) morreu por ter comido fígado de animal carnívoro em grande quantidade, devido a lesões ósseas características e, diga-se, raríssimas.



Moratti

Meu querido filho Roberto:

Agora que você já tem dez anos e foi selecionado para o time de futebol de sua escola, conforme você me informa em sua última carta, eu quero te contar um fato que me aconteceu quando eu tinha mais ou menos a sua idade e morava aí mesmo em Aldebarã 4.

Provavelmente você já deve ter perguntado: "Mamãe, a Terra ainda existe? Ela existiu um dia?", e talvez você até já saiba a resposta, que sim, um dia ela existiu, e era linda, mas desgraçadamente os cisnecenses a destruíram durante a Grande Guerra Cósmica. Mas estes são fatos que pertencem à História, e não é deles que eu quero falar.

Um dia de outono aí em Aldebarã eu voltava da escola junto com os colegas quando uma nave escoteira, metálica e vermelha, descreveu um círculo nos céus e, chamando a atenção de todos, explodiu em milhares de panfletos que diziam assim:

FABULOSO

Venham assistir ao maior espetáculo do Cosmos.

Pela primeira vez neste planeta, com o time completo, com PELÉ e Cia., o SANTOS F.C.

Domingo no Estádio Municipal, contra a seleção local.

Hora: 15:00 horas

Preço: 1 Real galáctico

A excitação era geral. Todos queriam saber o que era aquilo. Corri ao meu micro e obtive, não sem algum sacrifício, a resposta: O Santos Futebol Clube foi um clube que existiu num obscuro país chamado Brasil durante a última metade do século XX, e que possuía um time magistral, liderado por um negro chamado Pelé que foi considerado o melhor jogador de todos os tempos.

Não vou me alongar muito tempo, contando em pormenores o que foram aqueles três dias de espera. Nossa "seleção local", se é que podemos chamá-la assim, foi constituída às pressas. Tinha no gol o Beto padeiro, na zaga o Alfredo (que fornece alfaces hidropônicas à tua mãe), no meio de campo o Nascimento (provavelmente ainda conserta sapatos), só para citar alguns que você conhece. Nossa esperança era o Pitu, único bom jogador da colônia e que morreu com a peste virótica antes da descoberta da vacina, cerca de dez anos depois.

No domingo o Estádio Municipal, dada a importância do jogo, teve suas traves e linhas demarcatórias pintadas de branco, o que realçou ainda mais o estado de sua grama, roxa e rala, pois a água era ainda mais preciosa naquele tempo do que é agora! Nas arquibancadas, repletas, o comentário era um só: nosso objetivo era o empate, ou no mínimo perder de pouco. Boatos apareciam, aqui e ali: No último jogo, o Santos havia goleado os colonos de Arturo por oito a zero.

De repente, abrem-se as portas do vestiário e surge, em imaculado uniforme branco, o tão esperado time. O placar anuncia, um por um: Gilmar, Mauro, Zito, Mengálvio, Coutinho, Pepe, Pelé. É dada a saída. Nossa zaga, precocemente desesperada, dá chutões para cima. Resiste. O jogo se estabiliza. Os craques da pelota, inexplicavelmente, têm dificuldades para dominá-la. O nosso time se assanha. Bola para Pitu. Dribla um, dribla

dois, é fogo: goooool! A platéia demora a vibrar, embasbacada. É o dia de glória do Pitu. Bola alçada na área, ele mata no peito e com um leve toque de esquerda engana o goleiro. 2 x 0. Todos nós, estudantes, rompemos em coro: Pitu, Pitu, Pitu. Termina o primeiro tempo. O time do Santos sai de campo debaixo de vaias.

No intervalo, enquanto eu comia um hot dog de soja, os alto falantes anunciam: "Querido público, que vos fala é o empresário: pedimos desculpas, pois, em virtude de informação erroneamente repassada a este responsável pelas autoridades locais, foram os robots jogadores regulados para uma gravidade de 1,20 g. Acabamos de efetuar nossas medições e já regulamos Pelé e Cia. para atuarem com gravidade local correta de 0,97 g. Temos a certeza de que vocês terão um ótimo segundo tempo."

E realmente foi inesquecível. A tal dupla Pelé e Coutinho, que parecia morta no primeiro tempo, desandou a fazer tabelas e gols. O ponta esquerda Pepe meteu um gol de fora da área, com um tremendo pelotão. Zito parecia um maestro, o time todo era uma sinfônica afinada em concerto. Resultado: perdemos de 5 a 2, ainda assim porque o juiz deu-nos uma pequena ajuda (não marcou dois pênaltis claros). Foi um dia que jamais esquecerei, pois foi vivido com emoção. Anos mais tarde, quando soubemos que o Prefeito Ricardo havia infomado a gravidade propositalmente errada afim de desregular as funções robóticas daquele grande time, isto virou só uma grande piada.

Se você quer ser um grande jogador de futebol, treine muito e obedeça às ordens de sua mamãe, e não se esqueça da escola.

Fique atento aos céus, porque, uma vez a cada geração, a Terra nos envia, de seu passado longínquo, naves com times que jamais poderemos esquecer: AJAX, REAL MADRID, PALMEIRAS, e até um chamado estranhamente

PUTFIRE, que possui um robot anão de pernas tortas das quais dizem maravilhas na ponta direita. Neste dia você conhecerá o que foram os anos de glória do nosso futebol, quando a Terra ainda existia.

Bêijos do teu pai. Aguardo carta breve.
Carlos

Este conto belo e nostálgico de Ivan Carlos Regina faz parte de sua coletânea de contos ainda inédita, Letters from Tomorrow, e nos foi gentilmente cedido pelo autor



COMPLEXO DE MAXWELL SMART

Miguel Carqueija

Dois homens de escuro, encapotados, com chapéus de abas largas e as mãos nos bolsos, esgueiraram-se pela estação do metrô.

— Lembre-se — dizia Ralph Olegário, quase cochichando no ouvido do outro —, *não podemos chamar a atenção.*

— Eu sei, Ralph — respondeu Igor, esforçando-se para segurar nos dentes o cachimbo tipo Sherlock Holmes. — Temos de agir *naturalmente.*

Pararam na plataforma da estação, em meio a dezenas de pessoas, das quais nem uma sequer, provavelmente, deixara de notá-los. Ralph pensava agora nas palavras pouco animadoras do Master:

— Com este caso vocês certamente entrarão para a história de ouro do serviço secreto brasileiro. Naturalmente, supondo-se que cheguem vivos ao fim.

“Urubu de uma figa”, pensava Ralph. “Por que ele mesmo não vem pessoalmente se expor?”

Não tivera, é claro, a coragem de dizer isso ao Master. A recente ligação internacional dos metrô da Lua trouxera uma indesejável vulnerabilidade ao complexo jogo da espionagem. E agora um estranho boato viera abalar a segurança do Comando. Disposta mais do que nunca a pôr em xeque a estabilidade brasileira na Lua, a Federação Imperial do Pacífico — que na superfície vivia em paz com o Brasil, mantendo relações diplomáticas — tinha enviado para a base dos brasileiros a terrível ameaça conhecida apenas como “Nêmesis”.

— Quem era Nêmesis? — Isabel perguntara isso ao Master, e ele limitara-se a responder:

— Pelo que se diz, trata-se do mais perigoso terrorista de todos os tempos. Nêmesis chegando, é o que se propaga, será capaz de virar a Base Verde-Amarela pelo avesso. É um agente ultra-treinado e temos de impedi-lo de penetrar em nosso território. Se ele entrar, provavelmente estaremos perdidos.

Olegário, que não suportava os melodramas do Master, indagou por que simplesmente não se interrompia a conexão do metrô com a base do Império Pacífico. O Master fora taxativo:

— É claro que isso está fora de cogitação. Existem interesses econômicos em jogo...

— Mas se nos destruírem, não será pior para nossa economia?

— Olhe, Ralph, nós não podemos raciocinar dessa forma. A ordem recebida não é de fechar fronteiras, é de impedir que Nêmesis entre. Nós somos soldados e temos ordens a cumprir.

Nêmesis vinha do norte lunar, onde se encontrava a

colônia imperial pacífica. Aliás, não tão pacífica. Dizia-se que era mestre em disfarces. O Master resolvera que todas as histórias teriam que ser conferidas. Assim, por exemplo, um veterinário teria de fornecer o visofone de sua clínica. Ralph estava intrigado com isso. O custo de chamadas lunares internacionais era muito elevado. Conferir centenas de passageiros por semana (por sorte não mais que isso, tendo em vista a escassa população selenita) custaria os olhos da cara. Valeria a pena, para o governo brasileiro? Só para manter um simples mortal à distância?

Igor olhou em volta.

— Nêmesis pode ser qualquer pessoa. Pode ser aquele velhote reumático, com as costas em quarenta e cinco graus com o cóccix...

Ralph fez um gesto de impaciência. Aquela missão pressupunha que o Comando não confiava na triagem dos passageiros na alfândega, antes da chegada na estação.

— Isabel está demorando a conectar...

— Ora, não é ela que vem vindo ali?

Ralph olhou espantado para a esposa.

— Que houve? Não combinamos que você me chamaria pelo ouvidofone?

— Faz duas horas que eu chamo, seu burro. Você *ligou* o ouvidofone hoje?

Ralph enrubescceu.

— Bem... bem... Pequenos esquecimentos acontecem nas melhores famílias...

Com seu traje preto e corpo esguio, Isabel parece uma ninja. Mas isso não chega a chamar a atenção, pois hoje em dia muitos jovens se trajam assim. Ela olha em volta e observa:

— Separei várias pessoas para uma nova triagem. Mas parti do princípio de que só pessoas fisicamente válidas poderiam ser Nêmesis...

— Sim, você tem razão. Nós aqui não vimos ninguém que possa ser...

— Sem dúvida, se Nêmesis passasse pela minha triagem seria realmente digno dos elogios que o Master fez. Mas agora me acompanhem. Não virá mais nenhum trem hoje.

Igor e Olegário se entreolharam e acompanharam Isabel, que se dirigiu à cápsula que desliza sobre um único trilho, paralelo à linha do metrô, mas do outro lado da plataforma. Súbito Ralph Olegário se desviou, murmurando: “Coitadinha.”

Aproximou-se de uma velha enrugada e cheia de lordose, aparentando 85 ou 90 anos, e que carregava uma valise estufada e aparentemente pesada.

- Por favor, deixe que eu carregue pra senhora.
— Oh, não se preocupe, eu estou bem.
— Eu faço questão.

Ralph segurou a valise e fez menção de retirá-la gentilmente das mãos da velhinha.

Ela disse um palavrão e acertou com a bengala em Ralph, no plexo solar.

O agente secreto empalideceu e caiu ali mesmo. Já quase não havia mais ninguém por lá, exceto Igor e Isabel, que, estupefatos, não conseguiam fugir da névoa que agora escapava da bengala...

— Oh! — murmurou Ralph, lutando contra o sono.
— O velho truque da bengala com gás anestésico!

Ao cair, porém, Isabel conseguiu jogar uma bola de isótopos sobre a velha, que desatou a correr pela estação com a velocidade de um campeão de corridas...

Mas nada pode escapar à detecção de isótopos ra-

dioativos e Nêmesis é presa em trinta minutos. Com mais quinze minutos o trio volta a si.

* * *

— Desta vez — dizia Ralph — a intuição feminina falhou.

— Pois sim — respondeu Isabel —, mas os reflexos femininos salvaram a situação.

— Você esquece que fui eu quem deteve a velhota?

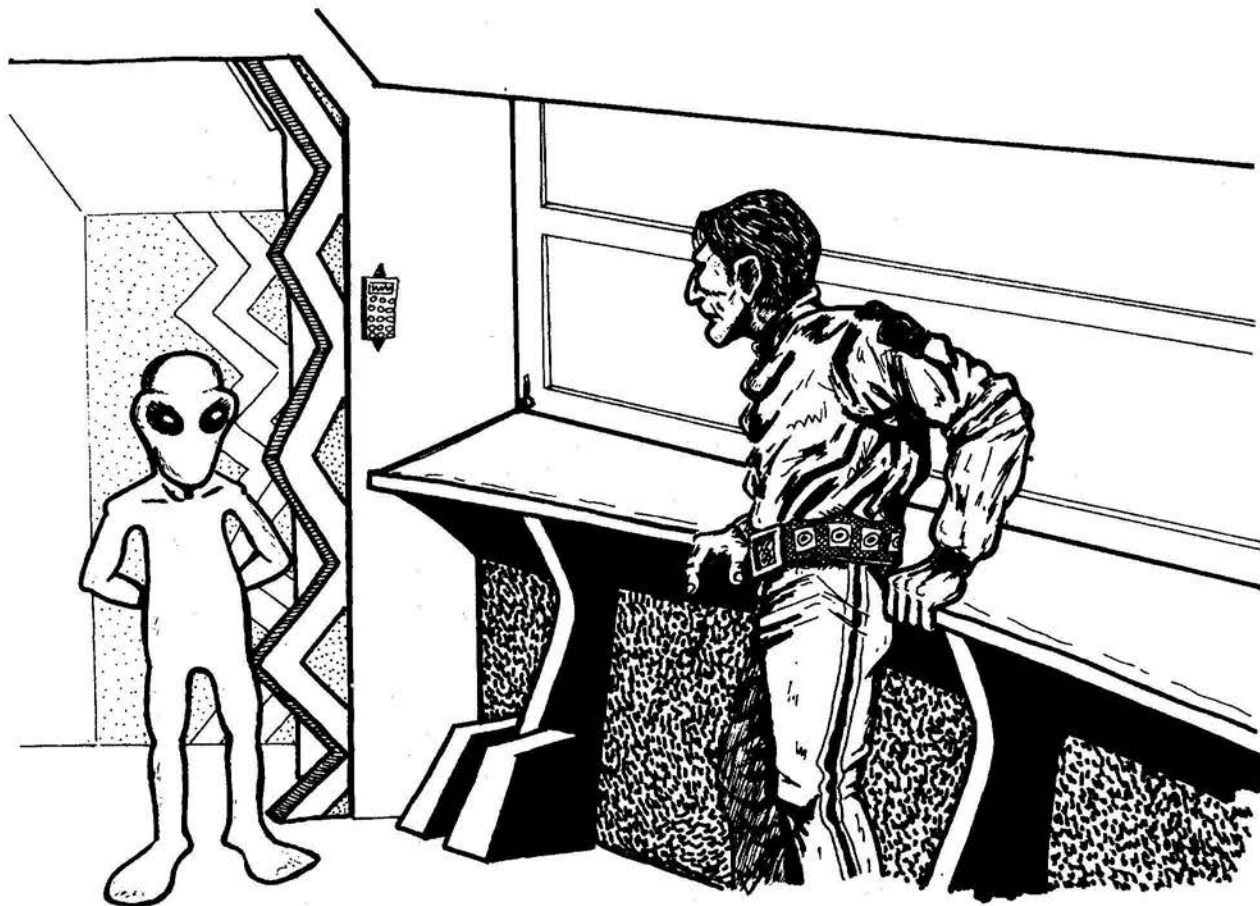
— Mas você só tinha intenção de bancar o cavalheiro! Você não imaginou que fosse uma mulher nova, coberta de pele enrugada artificial...

— Espere aí! Eu fui *bancar* o cavalheiro? Eu *sou* um cavalheiro!

— Vá dizer isso a quem não tenha casado com você...

E aqui eu encerro a história, pois nós não vamos nos envolver em assuntos de família, não é mesmo?

Miguel Carqueija publicou nada menos que três contos na revista Dragão Brasil, durante 1995.



DEZ ANOS DO CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

DEPOIMENTOS

IVAN CARLOS REGINA (6)

A respeito dos dez anos do CLFC vou dizer só o mais importante:

Quando meu pai faleceu, em 1979, deixou-me como herança duas cestas de Natal Gigante Amaral, com cerca de 2.000 livros de bolso, a maior parte de policiais, terror e faroeste, com alguns poucos de Ficção Científica, gênero que eu já lia e apreciava.

Como uma forma de recordar-me sempre dele, resolvi continuar a coleção dos cerca de 30 Argonautas que os baús continham.

De que maneira eu completei esta coleção, percorrendo sebos e criando um sistema de captação pelo Correio, é outra história. Terminei casualmente por encontrar o livro sobre a Argonauta escrito pelo Roberto Nascimento, onde ele propunha a criação de um Clube devotado unicamente à Ficção Científica. Fiquei pasmo! Era como que um adepto de Moloch, que se julgava o último, encontrasse uma igreja plantada na Sé repleta de fanáticos molochianos.

Imediatamente tomei a lista telefônica e liguei para todos os Robertos Nascimentos existentes na cidade de São Paulo, e consegui encontrar, depois de alguns constrangimentos, o verdadeiro. Algumas conversas depois, chegou finalmente o dia da Fundação, que iria me juntar aos procuradores do velo de ouro.

A fundação do Clube já espelhava a organização que seria sua marca registrada: flores, faixas, atas e um imenso salão repleto de cadeiras, de onde eu olhava assustado esperando a horda de aficcionados que deveria inundar o auditório a qualquer instante. No final, Roberto, Fritz, Walter e eu tivemos uma conversa agradávelíssima sobre FC e nossos planos... Nascido sob o signo da amizade, o Clube nunca deveria abandonar esta trilha, e, no meu entendimento, deveria permanecer sempre assim, uma tertúlia de amigos, irmanados pelo

gosto comum da FC, uma das cinco melhores coisas que o homem criou (junto com o vinho, o xadrez, a poesia e a música), pois as outras recebemos gratuitamente do Criador, e nos esforçamos por merecê-las.

O Estatuto do Clube escrevi-o literalmente nas coxas, em folhas de papel onde registrava as minhas idéias e as de Roberto, este fabuloso visionário. Submetemo-lo a um advogado, que, para minha surpresa, gostou tanto da idéia que abriu mão de seus honorários, e que efetuou as adequações necessárias para que pudéssemos registrá-lo.

Durante quatro anos, tendo Roberto como Presidente e eu como Secretário-Executivo, procuramos imprimir ao Clube uma energia vital, movimentando-o em direção ao futuro.

Enfrentamos obstinadamente a "mania paulista" de querer decidir pela Diretoria e burocratizar o Clube à qualquer custo, e, pela visão inspirada de Roberto, administramo-lo pelo princípio bíblico que mais vale uma rês desgarrada que o rebanho.

O resultado foi surpreendente: diversas páginas de jornal, duas capas do caderno "Divirta-se" do *Jornal da Tarde*, chamada na primeira página do *Estadão* de Domingo, etc. Mostras de FC no SESC Pompéia (onde ganhei meus primeiros cabelos brancos) e no SESC Carmo, entre outras.

Levei mais de uma dezena de bêbados para casa, após nossas reuniões sociais (acredite se quiser: uma sócia chegou a vomitar no meu copo de chopp, e foi contida por querer beijar na boca o restante dos associados). Tudo pela nobre causa.

Apesar de tudo, e principalmente do desejo obstinado do Roberto, nossa estrutura sempre foi amadora, centrada em poucas pessoas, o que ressaltava nossos defeitos pessoais: a minha atávica desorganização (pela qual já pedi inúmeras e públicas des-

culpas), o excessivo rigor formal do Roberto, a instabilidade emocional de alguns sócios (normal, pelo tamanho do grupo) e em maior parte parte pela tara alucinada de alguns sócios então mais jovens que o Clube não andasse, voasse. (Causo 80% e Marcello 20% eram os líderes desse segmento.)

Gente, o Clube foi estruturado para ser um paquiderme branco de orelhas rosas: Devagar, mas sempre. Pequeno, porém cumpridor. Gente com formiga no rabo é sempre bom: Causo, que com sua impaciência muito impulsional nossa FC! Schima, o japonês sorumbático que é só talento! Marcello, fala mas faz!

Esta turma toda de sangue novo foi ótimo para o Clube, mas novamente era preciso azeitarmos a roda da amizade: as engrenagens não se mexiam com a rapidez e a velocidade que desejavam alguns sócios, e as baixas no caminho foram inevitáveis (apesar de que eu sempre seja um otimista nato, e ache sempre que o homem chegará a bom termo no Cosmos, e também o Clube a porto espacial seguro).

Está aí o *Somnium* como prova: nem sempre regular, nem sempre superlativo, ainda tem o melhor que a FC possa oferecer.

Nesta hora emocionada, que o coração quer sair pela boca, quero sempre citar alguns e desejar-lhes o melhor:

∴ O Zé Fernandes, como gente é um personagem de Eça, como personagem é gente à beça, que Deus o tenha com a sua Cíntia.

∴ O Fábio Fernandes, que o imagino como todo lábio, um amigo que já cruzou o Andes, um corpo agora que percorre parsecs.

∴ O Lúcio Manfredi, o lúdico mais freddo, três vezes crucificado, uma vez ressuscitado, mas sempre simpático.

∴ O Rubenildo, um rubi antigo, in-

crustado em frente altiva, quero-o sempre aqui comigo.

∴ Para o Sérgio e a Cristina, onde vocês estiverem, um abraço. Vocês foram um dia, retornem.

∴ Para o Causo e a Finisia, nenhuma rima é possível, apenas um forte abraço pelo que você fizeram pelo Clube.

∴ Para o Luiz Marcos, eu vi a tua vontade de ser e compartilho dela.

∴ Para o César, Ave, Imperador do Cosmos. Que o teu olhar pouse nas estrelas.

∴ Para o Carlos Mores, *more*.

∴ Para o Máximo, *the best*.

∴ Para o Gumercindo, a clareira que tu abriste nesta selva é minha também, e nesta hora eu compartilho com este pomar, e sento-me à tua sombra, e te agradeço: Muito obrigado, meu amigo. Ao invés de procurares sempre o dinheiro fácil fostes pelas sendas complicadas e procurastes os caminhos truncados e as sebes de espinheiros. Vê hoje que há quem te admire e te agradeça no fim deste jardim. Um abraço emocionado neste homem que é um elo entre as gerações da FC brasileira.

∴ Para o Silvio Alexandre, todos os sonhos.

∴ Para o José Carlos Neves, furacão de fatos bons.

∴ Para a Mariângela, onde estás tu? Roleplayngando pela vida, ventos bons te tenham e te retornem.

∴ Para o Rudy, nome antônimo da personalidade, doce paz e alegria.

∴ Para o Tavares, e para o Bráulio do Tavares, e para o haveres, e para o conservares, que uma luz te guie, meu amigo, você que já é estrela em brasa verde amarelo da nossa FC.

∴ Para o Celso, além do prêmio assiduidade, grandes alegrias.

∴ E para o seu Túlio, toda uma tertúlia de anjos, em teoria.

∴ E para o Caio, todo um Sarau de finos acepipes.

∴ E para o Marcos Akio, agora, uma energia para grandes realizações.

∴ E para o Sérgio, que retaguarda tu nos deste, antigo amigo!

∴ E para o Ruby, que pena que não estivesses aqui, para receberes o louro que mereces.

∴ E para o Carqueija: Você foi para mim, o último emissário das estrelas, foi deixado nesta Terra inglória esperando notícias de nossa raça, mas eles não vieram, não vieram, e você ficou só, angustiado, escrevendo para Jane Terezinha Mondello, mas ela

não respondeu, e você ficou só, e eu te admiro por isso, e apesar disso, você escreveu, e escreveu e escreveu e espalhou amizade e compreensão.

∴ Para o Roberto Fiori, uma platéia eterna aplaudindo de pé, e que encontre o número final das estrelas no Universo, e só nos comunique o número definitivo.

∴ Para o Coronel Ayrton, que continua impunemente a assambarcar o mercado de livros de FC, um abraço e que Deus o guarde.

∴ Para a Daniela, que recebeu a casa quando a cristaleira da sala estava vazia, e que retornou repleta, todo o bom.

∴ Ao Humberto, que nunca está longe, mas está sempre perto, detrás deste nariz dez séculos de amizade nos unem e nos contemplam...

"Nascido sob o signo da amizade, o Clube deveria permanecer sempre assim, uma tertúlia de amigos, irmanados pelo gosto comum da FC"

∴ Ao Marcello, este primeiro violino, suba ao estrado e ouça nosso unísono obrigado.

∴ Para o Scavone, gentil taça do vinho do novo conhecimento.

∴ Ao Carlos, quero numa palavra dizer tudo e não consigo: você é nosso amigo.

∴ Ao André Carneiro: você é meu herói, meu cavalheiro, você é forte e é ribeiro, é água pura cristalina para todos nós que a bebemos, e nesta hora deglutimos o futuro ao teu lado, juntos pela fé: André!

∴ Para a Adriana, que tem um brilho que nunca se empana, uma viagem no tempo.

∴ Para o Walter Machado, que vejo sempre como flashes do futuro e do passado. Um amigo que se oculta quando dele não se necessita, mas que retorna, presente em corpo e alma, quando sua presença se requer aflita.

∴ Para o Fritz, não há bardo ou vate, por mais inspirado, que iguale a tua

verve. Na falta do trocadilho, amigo, penso que um abraço serve.

∴ Para o Ivo, que possui a simpatia e a gravata mais famosa da FC brasileira.

∴ Para o Daniel Fresnot, uma felicidade hiperbólica.

∴ Para o Gerson Lodi, um encontro a sós com o Stephen Hawking.

∴ Para o Flory, um campo de flores de tântalo num quintal de alegrias. E um caminhão repleto de argentilas flores.

∴ Para o Taylor, um Hermison, um Roberval, um *beau-geste*, encontrar seu destino na Legião Estrangeira.

∴ Para o Roberto Nascimento, enfim, tu, que possues a gênese no nome, recebas tu, Quixote visionário, o especial agradecimento de toda a comunidade. Ao Tartarin magro, que foi à luta e escreveu o livro e fundou o Clube, parabéns. Ao Tartarin gordo, que se recolheu com seu camelo em casa, na sombra da peleja, exortamos à luta armada, meu Cid. A batalha aguarda seu herói primevo.

∴ Para todos os sócios aqui não citados, não por merecerem menos, mas pela minha memória que, como todos sabem, foi arrancada de um robô poeta de segunda mão que vagava sem rumo por Aldebarã, e, nos momentos importantes, sempre falha, que todos os desejos se realizem.

Depois de tudo isto, e quando de maneira estrepitosa fungo, assôo o nariz e seco a saudade do canto do olho, vejo quanto eu tinha a dizer mas omiti:

— os livros, os debates, as celeumas, os contos, os prêmios, os encontros em Sumaré, o Manifesto Antropofágico, os contra e os pró, os em cima do muro espacial, os que se foram, os que voltaram, o Card drinkando guaraná, enfim, não disse quase nada do muito que o Clube realizou.

Contudo, eu não sou nem cronista nem muito menos historiador e o tempo na nossa cabeça é ainda mais relativístico que na teoria.

Neste minuto, dez anos de alegria, de belas lembranças, de convivência, de calor humano se sobrepõe intensamente às pequenas coisas que a memória prefere esquecer. E me resta, depois destes 315 milhões de segundos que o Clube existe, muitas amizades sólidas. E uma amizade é coisa que não tem preço, nem se mede. As vezes nem se merece. Somente se agradece. Obrigado.

ROBERTO DE SOUSA CAUSO (23)

Eu tive um sonho. Doze anos atrás tive o sonho de viver um ambiente social que refletisse o que desandava em minha cabeça: viagens espaciais, aventuras sem fim entre as estrelas, o encontro permanente com o desconhecido e o prazer de interpretá-lo e deixar-me seduzir por ele. Hoje vejo que o sonho se realizou, e que a ficção científica me deu — direta ou indiretamente — um amor, um filho, amigos sem fronteiras (Zé Carlos,

Cesar, Ivan, Marcello, Henrique, Scavone, Gerson, Guga, Scott, Horacio, Uli) uma carreira, uma viagem à "pátria da FC", um compromisso com meu país, uma presença neste sonhado ambiente, mais sonhos.

Mas não foi apenas o CLFC que me trouxe tudo isso. Reafirmo que o Clube não é o fandom, não é a comunidade brasileira de ficção científica — ela já existia antes dele, e continuará

existindo depois. O CLFC é só o pilar central desse movimento, gerador de esperanças que de todo ainda não se concretizaram — o Clube pode e deve realizar mais pela ficção científica no Brasil. Mas como o amanhã é o verdadeiro território do Clube de Leitores de Ficção Científica, seus próximos dez ou vinte ou trinta anos (que venham todos eles!) serão, pelas mãos de todos, anos de glórias e realizações, paz e prosperidade.

SÉRGIO ROBERTO LINS DA COSTA (27)

O que posso falar destes dez anos? Foram momentos bons, outros que sinceramente eu preferia esquecer, mas pesando tudo, os bons momentos superam os maus.

Até hoje não me esqueço do meu primeiro encontro com o CLFC, na saudosa Livraria Paisagem, na Av. São Luiz. Era uma manhã de sábado no mês de Março de 1986, quando lá mesmo preenchi minha inscrição no

Clube e assinei o Livro Ata de fundação do Clube. Foi um momento inesquecível, pelo menos para mim, pois naquele momento me senti parte de um grupo de pessoas que, como eu, gostavam de ficção científica e estavam dispostos a trabalhar em pró da divulgação da mesma.

Não vou citar nomes neste depoimento, pois não quero correr o risco de cometer injustiça contra alguém,

pois, na minha opinião, todas as pessoas com quem convivi durante estes dez anos deram sua contribuição em maior ou menor escala e seria injusto não citar qualquer uma delas.

Para encerrar este depoimento, só espero que eu possa estar vivo para poder comemorar pelo menos o cinquentenário do CLFC.

CESAR R.T.SILVA (31)

Há grande importância no fato de o CLFC estar completando dez anos de existência. Significa que, por mais que se tenha aproximado da extinção, afinal, isso não ocorreu. Significa que não desaparecerá, pelo menos enquanto o amor que alguns de seus defensores sentem por ele traduza-se em energia suficiente para que o amargo fim mantenha-se à distância.

Tenho que confessar que em muitos momentos estive afastado do CLFC e não me importei com seu destino. Muitos devem compreender que os recursos desmotivadores dos quais antigas diretorias do CLFC lançaram mão foram de uma eficiência assustadora. Também a obcecada insistência no rumo da auto-destruição, evidente para mim e outros compa-

nheiros, acabou anulando qualquer tentativa de desvio, por mais racional que se apresentasse.

Minhas memórias do CLFC são, portanto, muito amarguradas. Mas esforço-me em ser suficientemente tolerante para não desejar o seu fim, muito pelo contrário. A derrocada de um sonho como o do CLFC, compartilhado por centenas e centenas de brasileiros, seria um golpe demasiado forte na auto-estima do nosso desagregado fandom, que por natureza de sua origem, já sofre de um complexo de inferioridade brutal.

Acredito que, neste momento, muitos devem estar criticando o novo formato desta revista, o aparente desperdício do trabalho que até há pouco havia sido investido. Mas enganam-

se. O CLFC não pode ser dependente da sua revista, que flutua ao sabor da política de suas diretorias. Não pode ficar submetido ao auto-consumo, como a cobra que devora a própria cauda. Uma revista de FC deve existir sim, mas não sob a responsabilidade de um clube pobre de recursos como o CLFC, mesmo porque sob esse esquema não se estabelece uma linha editorial vitoriosa em termos de mercado, para de fato incentivar o gênero e reverter com o aumento de filiados.

Neste momento comemora-se muito mais que um simples aniversário. Estamos testemunhando um parto, depois de todas as dores, todas as decepções, todas as dissidências, talvez afinal o CLFC esteja pronto para realmente nascer.

BRAULIO TAVARES (44)

Meu primeiro contato com o CLFC se deu em 1986, e foi decisivo para que eu me animasse a escrever FC. Eu já tinha publicado meu livro *O que É Ficção Científica*, pela Editora

Brasiliense, e já estava em contato com alguns grupos e fanzines, como o *Hiperespaço*(SP/MG) de José Carlos Neves e Cesar R.T.Silva, o *Antares* (RS) de Jane Mondello de

Souza, e o *Millennium* (RS) de Jerri Dias e Pedro Zimmermann. E já havia participado de uma convenção de FC em Porto Alegre, promovido por estes dois últimos grupos. Mas o

CLFC trouxe dois elementos novos para minha relação com o fandom. Primeiro, a existência do *Somnium*, que saía com uma regularidade que os outros nunca tiveram; e depois a possibilidade de encontrar pessoalmente os fãs residentes no Rio, conviver com eles. O ambiente que se formou para mim a partir daí — com as reuniões no apartamento de Rubenildo Barros, na Praia Vermelha, ou de Sérgio Fonseca de Castro, na Paissandu — foi decisivo para que eu retomasse idéias para histórias de FC, idéias que eu tinha abandonado há muitos anos.

Foi nas páginas do *Somnium* que eu publiquei as primeiras versões dos contos “Mestre de Armas”, “Jogo Rápido”, “Sympathy for the Devil”, “Catálogo de Exposição” e “Os Ishtarianos Estão entre nós”, que depois vim a incluir no meu livro *A Espinha Dorsal da Memória* (1989). Uma simples comparação entre os textos publicados no *Somnium* e a versão posterior, no livro, pode demonstrar o quanto foi importante o *feedback* de críticas e elogios que recebi. Os contos foram retrabalhados e, em alguns casos, totalmente refeitos.

O auge das atividades da Seção Rio do CLFC foi entre 1987 e 1992. Nesse período, o grupo lançou as duas edições da antologia *Verde... Verde...*, promoveu dezenas de palestras e debates, editou o *Zomnium*, e teve uma considerável participação na edição brasileira da *Asimov Magazine* (com uma “assessoria informal” cuja importância sempre foi ressaltada pelo

“Meu primeiro contato com o CLFC se deu em 1986, e foi decisivo para que eu me animasse a escrever FC.”

editor Ronaldo di Biasi e pela supervisora editorial Adélia Ribeiro).

De lá para cá, o movimento diminuiu. As razões são muitas, mas creio que a principal delas é o fato de que não temos hoje o mesmo tempo disponível que tínhamos há dez anos atrás. Muitos membros solteiros do grupo acabaram casando, e os que já eram casados estão hoje cheios de fi-

lhos; por outro lado, a evolução natural das coisas acaba nos conduzindo na direção de trabalhos e profissões que exigem cada vez mais de nosso tempo livre. No meu caso específico, há mais de um ano não compareço às reuniões do Clube, embora mantenha contato com os amigos, principalmente por carta ou telefone.

Creio que o Clube deveria pensar seriamente em reservar para si um espaço, uma *home-page* na Internet. Creio que o contato *on-line* pode ser mais atrativo, para muitos fãs virtuais de FC, do que a “obrigação” de comparecer a uma reunião um sábado por mês. Pode-se objetar que nem todo mundo do Clube tem computador, mas por outro lado há milhares de pessoas que têm computador, que não são do Clube nem sabem de sua existência, e que gostam de FC, à sua maneira. Por que não abrir com essas pessoas um novo espaço que não dependa (como o *Somnium* depende) dos orçamentos das gráficas, das tarifas dos Correios e da Embratel, ou (como as reuniões, convenções e eventos dependem) da complicada agenda de cada um? Um Cyberclube!

Por que não?

Marcello Simão Branco (83)

O CLFC faz dez anos!

Pessoal, isto não é motivo para muita comemoração? Não, dirá a maioria, o Clube não é mais aquele, está apático, desorganizado, perdeu seu rumo. Tudo bem, há boa dose de razão nessas colocações nada otimistas. Mas o Clube bem ou mal fez dez anos. Isso ninguém vai tirar do Clube. E mais importante, nem o que ocorreu de bom e de ruim, nesse tempo todo.

Estou aqui há oito anos. Tenho algumas coisas a dizer, seja como observador, seja como sócio ativo, seja como crítico e criticado. Conheço todos os meus amigos da comunidade brasileira de ficção científica graças ao CLFC. Antes, era uma ilha. Um solitário. Uma história bem conhecida de vários de vocês antes de entrar para o Clube. Gostava mais do Clube de fins dos anos 80: era mais amigo, unido, ativo, organizado. As reuniões eram concorridas, bem como os livros lá negociados. O *Somnium* era

mais regular (chegava todo dia 20 de cada mês), fresquinho com notícias, contos experimentais e ainda ingênuos, artigos mais polêmicos que substanciais, cartas e debates. Foi um período muito bom. Mas nossa história registra descaminhos, equívocos. Tanto administrativos quanto sociais. Infelizmente as coisas se radicalizaram com vários nomes históricos abandonando o barco em meio ao mar revolto.

Mas falar dos dez anos do CLFC é principalmente refletir sobre o que ele representou (e continua representando) para a ficção científica do Brasil. Esta se divide em duas fases, a primeira “GRD”, dos anos 60; a segunda, por falta de um nome mais apropriado, “Segunda Geração”, que se inicia no começo dos anos 80. Existe uma “Segunda Geração” pré e pós-CLFC. Com o Clube, organizou-se e se desenvolveu conscientemente o fandom do Brasil; jovens talentos em várias áreas começaram a

colocar suas idéias em andamento, incentivados e amparados pelo CLFC: escritores, articulistas, resenhadores, pesquisadores, editores, ilustradores, organizadores de eventos... E nomes já consagrados só voltaram à ficção científica devido ao CLFC — André Carneiro e Gumercindo Rocha Dorea estão aí e não me deixam mentir.

O Clube passa por um período de redefinição de objetivos. De se adaptar a um fandom já estabelecido e não tão carente de sua estrutura. De se reaproximar de seus associados, de buscar novas metas para si e para a ficção científica do Brasil como um todo. Caramba! Esses seriam desafios gigantescos se o Clube estivesse às mil maravilhas com si mesmo e com o fandom. Imagine, então, procurando superar suas próprias crises internas, para cumprir seus objetivos culturais e artísticos. Sejamos contra ou a favor, é uma luta de todos nós. E todos somos responsáveis por ela. Queiramos ou não.

Assim se passaram dez anos, embora para mim esse número seja oito. Pois é, perdi a largada desse bondinho da História, e junto com ele algumas histórias engraçadas como a da primeira reunião do CLFC-Rio, onde o José Fernandes conta que, em três horas de animado bate-papo na mesa de um bar, foram consumidos apenas dois refrigerantes e uma garrafa de água mineral, para a irritação dos garçons. Tudo bem; no fim das contas, só mesmo os garçons saíam perdendo. Eu viria a entrar no praticamente dois anos depois, em abril de 1987, após ter devorado o livro *O Que É Ficção Científica*, do Braulio Tavares, e tentado me comunicar com ele (em vão, é bom que se diga) através de duas cartas para a Editora Brasiliense. Nessas horas é que eu agradeço ao fato dos fãs de FC serem como os habitantes de uma cidadezinha do interior: todo mundo se conhece. Eu já conhecia o Jorge Luiz Calife (um ano antes, eu, ele, Ícaro Santos França e mais algumas pessoas tentamos formar, sem êxito, o Grupo Pulsar de FC); portanto, bastou ligar para ele e perguntar se ele conhecia o Braulio. Daí, como dizia Nelson Rodrigues, foi um não acabar: Braulio me deu o telefone do Zé Fernandes, e duas semanas depois eu estava comparecendo à minha primeira reunião na casa do Rubenildo Barros.

Foi amizade à primeira vista. Os poucos lá presentes — Zé, Rubenildo, Braulio e Sérgio Castro — foram mais do que receptivos e simpáticos. A recíproca deve ter sido verdadeira, pois, após dizer que já tinha lido vários livros de Frederik Pohl (meu ídolo então) e de Frank Herbert, em inglês, nem precisei passar pelo *avassalamento*, como era carinhosamente conhecida a sessão informal de perguntas feitas a cada novo sócio: coisas como “que autores conhece, de que gênero gosta?” A maioria dos fãs da minha idade (21-22 anos) só conhecia mesmo o ABC da FC, os bons e velhos Asimov-Bradbury-Clarke.

Os dois anos seguintes viriam a ser os mais prolíficos e agitados da história do CLFC no Rio. Tive a honra de ser convidado para o círculo in-

terno de decisões (apelidado até então de Quadrângulo, e que se tornaria então o Pentágono), muitas vezes criticado por exercer um controle absoluto sobre o grupo do Rio, mas que na verdade fazia simplesmente o que ninguém mais tinha disposição ou paciência de fazer, ou seja, marcar reuniões e palestras e entrar em contato com os sócios. Era nossa também a responsabilidade de organizar eventos ou — em muitos casos, quando nos eram apresentadas propostas de viabilidade quase nula — explicar ao associado que não havia condições de realizar aquele projeto.

Mas nesses primeiros anos, as coisas de fato aconteciam. Foi numa tarde bebendo na casa do Braulio, que

"José Fernandes conta que, em três horas de animado bate-papo na mesa de um bar, foram consumidos apenas dois refrigerantes e uma garrafa de água mineral, para a irritação dos garçons."

Sérgio Castro deu a idéia que resultaria na antologia de contos *Verde... Verde...*, e cuja primeira edição, totalmente artesanal, seria um sucesso absoluto de vendas no fandom. Foi por volta dessa época também que surgiu o incrivelmente jamais comentado fanzine *Hiperespaço: The Next Generation*, que saiu meses antes do *Megalon* iniciar sua bem-sucedida carreira. Apesar dos problemas — que não foram poucos — o *HTNG* destacou-se na época por uma diagramação mais arejada e por algo que só agora o *Somnium* vai fazer: a divisão de editorias, que dava mais agilidade à produção do zine.

Nessa época, também não foram poucas as reportagens em jornais e

na televisão do Rio, para falar tanto do clube como do livro, e tamanha publicidade fez com que o número de sócios participantes das reuniões, que chegava com muito boa vontade a vinte, simplesmente dobrasse. Foi então que os *playgrounds* de edifícios, onde as reuniões já eram feitas desde 1988, passaram a ser pequenos demais para tantos fãs. As reuniões então iriam a se realizar, nos próximos anos, basicamente em dois locais, alugados com esse propósito: O IBAM e o Instituto dos Arquitetos do Brasil.

Foi mais ou menos em 1990 que a situação do CLFC-Rio começou a declinar. O Pentágono já não tinha mais essa forma, devido a fatores como a saída de Sérgio Castro (o último ato de um incidente que quase rachou o grupo do Rio ao meio) e uma coisa pura e simples chamada *vida*. A média de idade dos membros do grupo de decisões era de 35 anos (eu, com meus 25, era de longe o caçula) e estavam todos casados, pensando em se casar ou com filhos para cuidar. Estava chegando a hora de passar o bastão.

Mas para quem? Nesse meio tempo, havia surgido uma verdadeira legião de membros muito importantes do Rio: Sylvio Gonçalves, Ivanir Calado, Leonardo Nahoum, para citar apenas alguns. Mas todos tinham suas preocupações e objetivos próprios, e não havia espaço para cuidar do clube de maneira mais constante.

Foi então que eu próprio comeci a rever meus objetivos. Desde a minha entrada no CLFC, algo que até então era uma vontade existente porém dispersa agora tomava forma: o desejo de ser escritor profissional. Apesar de publicar pouco nos fanzines, em 1990 eu tinha uma produção invejável em termos de quantidade: o equivalente a dois livros de contos, um primeiro romance que nunca aconteceu (e os leitores do *Somnium* puderam ver em forma de conto, sob o título de “O Inimigo Interno”). Essa vontade, aliada a uma convivência íntima com as editoras no que já era o quarto ano de minha atividade como tradutor profissional (e uma breve passagem como responsável pela editoração da

José Olympio Editora), me consumiu por completo nos anos que se seguiram. Não desprezei os fanzines, mas parei de assiná-los, comprando números esporadicamente e lendo outros tantos por intermédio do José Fernandes. Eu ainda contribuí por quase dois anos criticando contos publicados no *Somnium* em parceria com o Zé, mas o desânimo me derrubou ao perceber que algumas pessoas com quem tive a oportunidade de conversar (particularmente em São Paulo, onde a produção de contos era bem maior que a do Rio) não estava gostando das críticas, e acusava a mim e ao Zé de massacrar jovens fãs e de tentar tornar o *Somnium* um veículo exclusivamente para escritores.

Minha vida particular também mudou muito nesse tempo. Casei-me em 1992, e tive um casamento conturbado que durou até o fim de 93. Escrevi dois romances (e material para mais um livro de contos) que, ao contrário do que eu esperava, não encontraram o menor indício de aceitação nas edi-

toras. Alguns amigos me sugeriram publicar edições independentes. Recusei na hora: todos sabem que no Brasil essas edições não vendem nada, e eu, com todo o respeito e carinho que eu tinha pelo fandom, não queria que só os fãs lessem minhas histórias. Eu queria um público maior, para levar a FC a quem não conhece, e que talvez nunca tenha lido nada do gênero por puro preconceito. Mas isso ainda não aconteceu, e, vejam vocês, o ciclo se fecha! Assim como perdi os primeiros dois anos da viagem do bondinho da História do CLFC e da Segunda Época da FCB, percebi que estava perdendo os últimos anos, quase em brancas nuvens.

Felizmente, não são os últimos dois anos do clube nem do fandom brasileiro. É preciso, contudo, esclarecer uma coisa: sendo sincero, não vejo os próximos dez anos com otimismo. Ainda acredito em muitas das coisas um tanto amargas que desabafei em meus últimos artigos para o fandom. Mas, assim como nem tudo está bem,

também não está tão mal: afinal, entre mortos e feridos, salvaram-se quase todos. O CLFC comemorou dez anos em dezembro último no Rio de Janeiro com o que parece ser uma injeção de ânimo: estamos em negociações para tentar um espaço de vídeo em parceria com o Planetário da Gávea, a segunda antologia temática do Rio (quem lembra o projeto FC Forever, dedicado aos Beatles?) deverá sair mesmo em 1996, e os projetos individuais (sempre importantes) continuam a todo vapor.

Os meus? Estou voltando aos fanzines. Não abandonei a idéia fixa de publicação em editoras, mas acho que está na hora de sair da gaveta, mostrar algumas velhas histórias, me reciclar. Com a ajuda de vocês. Afinal, o melhor saldo destes primeiros dez anos do resto de nossas vidas é que estamos aí, na batalha, aprendendo a fazer FC da melhor e mais gostosa forma possível: fazendo. Muito a fazer nos aguarda nos próximos anos.

MIGUEL CARQUEIJA (89)

No Brasil, um movimento que dura dez anos já é algo apreciável. O aniversário do CLFC, por essas e outras razões, deve nos fazer refletir.

Em 1985 eu não conhecia o CLFC, que então surgia humildemente, pelas mãos idealistas de Roberto Nascimento, Ivan Carlos Regina e poucos outros. Logo nasceu o núcleo carioca, ao qual eu me juntei em 1987, incentivado pelo Braulio Tavares.

A época era de muita euforia em torno do movimento. Algumas aparições do nosso grupo pela imprensa causaram entusiasmo e atraíram novos sócios e agregados,

gente que ia nas reuniões do Grupo Rio, sem se associar ao CLFC. Creio que até 1990 as coisas foram mais ou menos bem. Mas o pico que atingimos na época — reuniões com até cinquenta pessoas — baixou e hoje poucos remanescem.

O que de fato aconteceu? Com relação ao *Somnium*, seu crônico problema de edição. Os atrasos, verdadeiros sumiços, que foram se multiplicando, comprometendo a credibilidade da revista. E chegamos à curiosa situação de um clube cujos sócios não recebem o órgão oficial, ou porque já não o assinam, ou nunca assinaram, ou pagaram e não

receberam, queixas que eu já escutei várias vezes.

Com relação ao CLFC em si, chegou com sua revista a uma situação de perplexidade.

No entanto, começamos agora com uma nova diretoria, e com um editor que já provou sua garra com o *Megalon*. Sem poder me estender mais, digo que temos hoje uma chance histórica de reerguer o *Somnium* e com ele o CLFC. É hora de apoiar o Marcello na difícil mas gratificante tarefa que tem pela frente. Uma revista dará mais coesão ao CLFC, garantindo assim o seu futuro.

GERSON LODI-RIBEIRO (90)

Como a maioria do pessoal, hoje chamado "da velha guarda", ouvi falar pela primeira vez do movimento que se tornaria o CLFC, ao comprar o livro do R.C. Nascimento, na Livraria Camões. Na última página, havia o famoso formulário-proposta. Embora tenha lido o meu exemplar há exatamente dez anos, em novembro de 1985, ele ainda possui

o tal formulário da última página.

Na época, simplesmente não fiz fé na iniciativa. Já era mesmo do Clube de Ficção Científica Antares, e andava meio desiludido com esse negócio de clube de FC. Daqueles meus tempos pré-CLFC, quando o Rio Grande do Sul era a meca da FC&F nacional e o *Hiperespaço* de Cesar Silva e Zé Carlos Neves

ensaiava os seus primeiros passos, eu só tinha contato com quatro outras pessoas que militavam no gênero: um era o Gustavo Wannitt, meu amigo da Astronomia e antigo colaborador do *Hiper*; havia o Miguel Carqueija, que acabei conhecendo numa daquelas tentativas de reunião na concha acústica da UERJ; a Jane Theresinha Mondello de Souza, a

presidenta do Antares; e o Roberto de Sousa Causo. Com a Jane e o Causo, o contato se dava apenas por cartas.

Estimulado pelo Gustavo, acabei enviando alguns originais, não só para uma antologia de autores novos que o Cesar e o Causo estavam organizando lá em São Paulo, mas também para os dois primeiros Prêmios Fausto Cunha, patrocinados pelo Antares. Não obstante nossa empoção com essas novas frentes abertas à FCB, nenhuma delas frutificou a longo prazo.

No final de 1986, Gustavo me disse que os fãs paulistas haviam se reunido e criado o CLFC, e que as coisas pareciam estar dando certo dessa vez. Escrevi para o Causo, pedindo mais informações. Este elogiou a iniciativa e me passou o endereço do novo clube. Por carta, o Roberto Nascimento me orientou a contatar os representantes do CLFC no Rio de Janeiro, na época, o Zé Fernandes e o Sérgio Fonseca de Castro.

Após um ou dois telefonemas, fui procurado pelo Sérgio em meu trabalho. Depois de um papo longo e animado (não obstante os olhares raivosos dos comandantes que transitavam à nossa volta...), ingressei no CLFC. Era abril ou maio de 1987. Curiosamente, entrei para o clube ao mesmo tempo que um velho amigo, Carqueija, embora já não o visse há uns bons dois anos.

De maio a agosto, o Sérgio ficou me cozinhando com a promessa de fornecimento dos números atrasados do *Somnium*. Uma tarde, ele tornou a aparecer lá na Marinha para cumprir o combinado. Levei a batelada de dezessete números do fanzine para casa. Naquela época eu estudava como um condenado, preparando-me para o concurso de fiscal de rendas, mal encontrando tempo para dormir. Dessa forma, não foi lá grande prejuízo ter passado a noite em claro desfrutando dos *Somnium*.

Só depois de ter lido todo o material de uma tacada, aceitei o convite do Sérgio para pintar numa reunião. Estava muito curioso para conhecer alguns dos articulistas cujos trabalhos eu havia apreciado.

Encontro mensal de setembro de 1987. O evento se deu três semanas

antes do nascimento de meu segundo filho, e um mês e meio antes de uma trabalhosa viagem de serviço à Inglaterra, e do próprio concurso para o qual eu vinha me preparando. Ah, a primeira reunião você nunca esquece... Ela ocorreu no *playground* do prédio do Cid Miranda, um local onde se deram, aliás, muitos dos eventos mais importantes da história do subfandom carioca.

Nesse dia conheci os casais Zé Fernandes & Cíntia; Sérgio & Christina; Sylvio Gonçalves & Fátima Régis, este último, também comparecendo a sua primeira reunião. Ainda conheci nessa data o

"Ah, a primeira reunião você nunca esquece... Ela ocorreu no playground do prédio do Cid Miranda, um local onde se deram, aliás, muitos dos eventos mais importantes da história do subfandom carioca."

Rubenildo (cuja chegada foi ovacionada, pelo fato de ser à época o responsável pelo fundo de livros); o Braulio Tavares e o Fábio Fernandes, cuja primeira atitude ao receber a palavra foi dar um mega-esporro no pessoal que, ao que entendi, não teria topado fazer uma reunião na casa de seus pais, num bairro afastado do Rio — bem Fábio mesmo!

Nos meses seguintes, fui contagiado pela febre do fandom, cujos sintomas a maioria dos leitores, imagino, deve conhecer bem. Frequentava as reuniões mensais do CLFC-RIO e devorava os *Somnium*, tão logo me

chegavam às mãos. Era aquela sensação familiar da espécie à beira da extinção que, finalmente, encontra o nicho ecológico que jamais sonhara existir. Terminadas as principais etapas do concurso, no finzinho de 1987, comecei a colaborar com o fanzine, por meio de matérias e contos curtos.

Houve nos anos de 1988 e 1989 uma eferescência do movimento de FC, ou pelo menos, a sensação de uma eferescência. Em finais de 1988, o CLFC completou três anos. A reunião comemorativa foi realizada na cobertura dos meus pais, com um comparecimento recorde de sessenta e poucas pessoas. Com a casa em obras, o piso todo esburacado e meus filhinhos de um e dois anos se emaranhando pelas pernas dos presentes, nem é preciso dizer que para mim foi um evento inesquecível. Felizmente, o Sylvio gravou a reunião. Depois, com calma, eu pude *desmaiar* numa cama e assistir o que havia ocorrido.

O segundo semestre de 1988 marcou a primeira crise de periodicidade do *Somnium*. Até então mais ou menos regular, o fanzine deixou de circular durante uns bons seis meses, para desespero dos sócios e assinantes. Observei que os diferentes sócios apresentaram condutas diversas diante da crise. Uma maioria chorosa lamentava a ausência da criatura amada, mas não fazia porra nenhuma para resolver o problema. Uma minoria, mais dinâmica e criativa, decidiu ocupar o vácuo do veículo oficial do CLFC com fanzines independentes.

Datam dessa época, o *Hiperespaço*: *The Next Generation* e o *Megalon*. Com nove editores, o *HETNG* foi o fanzine mais democrático do país e, acredito, o de melhor saúde financeira, embora não visasse o lucro, é claro. Teve vida curta, no entanto, resistindo apenas um ano (sete números), tombando em pleno apogeu vítima do célebre confronto de âmbito galáctico, entre os vastos egos de algumas das suas cabeças pensantes. O gozado é que, na época do rompimento, as duas facções se propuseram a criar seus próprios fanzines, mas como quase tudo no subfandom carioca, a coisa não passou da fase das idéias. Do

Megalon, nem é preciso falar muita coisa. Ao contrário do *HETNG*, a publicação sobreviveu às piores intempéries, transformando-se, graças ao esforço pessoal do seu principal editor, no melhor e mais ousado fanzine brasileiro na área de FC&F, tornando-se um paradigma da qualidade de conteúdo.

O ano de 1990 foi o início da decadência do CLFC, entendendo aqui como decadência o processo campbelliano de perda de influência dentro do fandom. Foi um período curioso. Por um lado, sob a editoria de Carlos André Mores, o *Somnium* voltou a ser um veículo regular e confiável, aumentou o número de páginas, a quantidade das matérias e elevou sua qualidade gráfica ao nível de semiprozine. Por outro lado, o Clube em si não acompanhou a evolução do seu veículo, colocando-se à parte dos fenômenos importantes que marcariam não apenas 1990, mas a primeira metade da década. Foi sintomático o fato de que os dois eventos mais importantes daquele ano, a citar a InteriorCon (com a presença de Orson Scott Card) e o advento da versão nacional da *Isaac Asimov Magazine*, terem obtido bastante sucesso, sem a participação oficial do Clube, embora vários de seus sócios se houvessem engajado nessas iniciativas, na qualidade de fãs isolados.

A existência de uma revista profissional criou uma comoção no setor produtivo do fandom. Matérias e histórias de nível mais elevado, antes restritos aos fanzines, passaram a ser publicados na *IAM*. O principal mérito da revista foi elevar a qualidade do trabalho de muitos autores e articulistas. Autores até conhecidos somente por dezenas de fãs, passaram a ser apreciados e criticados por milhares de leitores, quase todos alienígenas ao nosso mundinho do fandom.

Ao se falar do setor produtivo do fandom, nos lembramos de imediato do seu oposto, o segmento mais numeroso de leitores que jamais participou da elaboração dos fanzines ou da organização de eventos de fãs para fãs. Organizado inicialmente como um clube de leitores e, sobretudo, colecionadores, o CLFC parecia perder o gás, à medida que

as prateleiras das coleções dessa maioria não-criativa iam sendo preenchidas. Paralelamente, os famosos conflitos de egos exacerbados produziam novas vítimas. Ao longo dos primeiros sete, oito anos de sua breve história, é impressionante o número de sócios influentes do CLFC alijados da comunidade após tentativas (bem sucedidas ou não) de execração pública, ou que se afastaram voluntariamente, cansados das intrigas de bastidores e fofquinhas em geral. O mais curioso é que, para a enorme maioria dos fãs, FC&F é uma atividade de prazer, não se compreendendo, portanto, toda essa

***"O ano de 1990
foi o início
da decadência
do CLFC,
entendendo aqui
como decadência
o processo
campbelliano
de perda
de influência
dentro
do fandom."***

disputa de poder e, muito menos, o stress e as perdas causadas por ela ao longo dos anos.

Outro aspecto que sempre me causou espécie e talvez mereça ser aqui enfocado é o do tamanho do CLFC. Oficialmente o Clube dispõe de um quadro de cerca de 500 sócios. Mas desse meio milhar de indivíduos, ativos mesmo, acredito que temos pouco mais de meia centena. Por ativas, para o fandom, entende-se serem as pessoas que assinam e lêem fanzines, escrevem para os mesmos, editam essas publicações amadoras e/ou participam das reuniões periódicas de suas comunidades de fãs. Se tivéssemos realmente 500 sócios ativos, como os mais ingênuos

acreditaram numa certa época, talvez tivéssemos conseguido impedir o fechamento da *IAM*. Sei que isto cheira a história alternativa, mas poderíamos ter hoje um movimento mais forte, e um mercado profissional de verdade, para exercitarmos nossos talentos e preferências.

Outro problema foi exatamente o da ocupação desse vácuo de poder. A omissão continuada das diretorias do CLFC em participar e apoiar atividades do fandom, bem como a apatia crônica da maioria amorfa de seu quadro social, forçou a minoria mais criativa deste quadro a criar as famosas microestruturas paralelas de poder, quer sob a forma de fanzines independentes ou de entidades multivocacionais, das quais a SBAF é o melhor exemplo.

Mas todos sabemos que essas mudanças dos pólos de poder do fandom, de dentro para fora do CLFC não ocorreram sem dores ou mágoas. Buscando um caminho para a sobrevivência do fandom nesses últimos anos, a minoria criativa da qual faço parte assistiu, em parte impotente (mas, em parte indiferente, devo confessar... e, sempre, com amargura e desalento), amigos renegarem a amizade de seus velhos companheiros de luta, em conflitos que só não chegaram às vias jurídicas, ou de fato, pela oportuna intromissão de terceiros; a perda das oportunidades mais promissoras; o fechamento de diversas portas; a tentativa frustrada de transformar seu veículo numa publicação acadêmica nos moldes de um *Extrapolation* tupiniquim; o esvaziamento do sonho do CLFC; além de outros bichos mais.

A questão agora não é bem se o CLFC irá sobreviver. Mas sim se o Clube merece sobreviver. de um ponto de vista frio e pragmático, bem em nível de seleção natural, sobrevivência do mais apto, e outras babaquices darwinianas desse gênero: o fandom ainda precisa do CLFC? Como é? Você ainda está aí? E, principalmente, ainda se emociona com esses papos carecas? Vamos lá, estou falando com você! Abra a tampa do sarcófago, sacuda a poeira e saia da tumba. Gostaria sinceramente de saber o que você pensa a respeito.

Falar (ou escrever) sobre o CLFC é uma coisa difícil de se fazer, basicamente porque é difícil saber o quê, exatamente, está-se falando ou escrevendo. Parece óbvio que a maioria dos associados se mantém apática, ou instatisfeita, com o status atual do Clube; no entanto, se você perguntar às pessoas o que elas gostariam que o CLFC fosse, a maior parte das respostas será composta de gaguejos e de expressões genéricas do tipo "mais eventos" ou "mais atividades", como se isso quisesse dizer alguma coisa. Infelizmente, tenho o mesmo tipo de dificuldade.

O que é estranho, porque, obviamente, devo muito ao Clube. Foi graças ao CLFC que vi meu primeiro conto fantástico, "Dente de Dragão", publicado no *Somnium*. Foi graças às críticas e comentários que recebi que o conto transformou-se na noveleta "Aprendizado" (sou um defensor ardoroso da crítica literária em fanzines), possivelmente a melhor história que já escrevi (odeio admitir isso, mas tudo bem).

No entanto, é complicado encontrar uma identidade para o Clube, talvez por se tratar, nominalmente, de um "Clube de Leitores" — e a leitura é uma atividade solitária. Não dá para

fazer da leitura de um livro uma atividade socializante (como a exibição de um filme ou uma partida de futebol, por exemplo). Imagino que no início havia uma certa pretensão de que o eixo principal do CLFC fosse a troca de correspondência entre os

"É complicado encontrar uma identidade para o Clube, talvez por se tratar, nominalmente, de um "Clube de Leitores" - e a leitura é uma atividade solitária."

sócios, mas esse eixo logo se deslocou para o binômio *Somnium*-reunião mensal. O *Somnium*, infelizmente, passa por uma fase de periodicidade claudicante, e a reunião mensal é quase que impermeável ao sócio novo. Ao lado disso, o Clube sempre me

pareceu cultivar uma certa sisudez, imagino que para conquistar respeitabilidade ("Não somos *nerds!* Não somos *nerds!*").

Claro que é útil evitar os extremos infante-boçalizantes, como aqueles que a Frota Estelar atinge às vezes, mas, afinal de contas, FC, assim como toda a literatura, é entretenimento; e um clube deveria ser, ao menos teoricamente, um espaço para diversão. Um lugar para pessoas com interesses comuns conversarem, informarem-se e planejarem suas ações na área. É claro que um clube faz isso em salas (e ante-salas) de cinema; um clube esportivo, nas quadras.

Acredito que, devido ao caráter eminentemente literário (e geograficamente disperso) do Clube, o *Somnium* deva ser eleito para desempenhar um papel análogo. A revista é, na verdade, a nossa "sede própria", o lugar onde todos nos encontramos, onde socializamos o prazer da leitura. Quando o *Somnium* voltar a ser o grande ponto de encontro dos fãs de ficção científica (libertando-nos de depender das críticas da Bia Abramo para filmes do gênero), poderemos dizer que Clube reconquistou sua identidade.

FINISIA FIDELI (285)

Já trafegando pelas sendas da ficção científica há muitos anos, um dia publiquei um conto numa antologia de escritores paulistas, e, é claro, era a única obra de FC. Ocorre que o editor, Wladyr Nader, era um fã do gênero, e com ele troquei inúmeras informações a respeito. Através dele, inclusive, conheci a obra singular de André Carneiro e foi porque ele era considerado o melhor autor brasileiro de FC que me animei a participar de uma Oficina Literária na Casa Mário de Andrade, em 1990. O coordenador era o André, e eu imaginava que conheceria muitos entusiastas do gênero. Não me enganei. Mas conheci algo muito melhor: o Clube de Leitores de Ficção Científica, apresentado com o entusiasmo de sempre pelo Ivan Carlos Regina. Conheci também o

Roberto Schima, em tudo parecido com um urso panda (na doçura e no fato de ser uma espécie em extinção), o Silvio Alexandre com sua saudável megalomania, e alguém que seria muito importante em minha vida, ou

"É isso que o CLFC representa: um criadouro de talentos, um grupo de ilusionistas, um bando de malucos."

seja, o Causo. Depois disso, participei das reuniões e travei contato com o Nascimento, cuja presença ainda hoje me impressiona, e outros, cuja

amizade posso compartilhar de perto, como o Humberto e o Flory. E muitos outros. Não canso de ser grata por ter sido através do CLFC que pude ver Orson Scott Card ao vivo e em cores, assim como Thomas Disch, ambos fonte de admiração e assombro. E Rubens Teixeira Scavone, um dos meus primeiros amores na FC, cuja classe e elegância só são superadas pela inesgotável generosidade. Além deles, meu respeito irrestrito por Marcello Branco, Cesar R. T. Silva e Gerson Lodi Ribeiro, guerreiros incansáveis, e Calife, Carqueja e Tavares, de talento inquestionável. E um herói, explorador e fazedor de livros e autores chamado Gumerindo. É isso que o CLFC representa: um criadouro de talentos, um grupo de ilusionistas, um bando de malucos.

Que Deus os abençoe.

A primeira vez que ouvi falar do Clube foi na Bienal de 92. Antes disso, nunca havia imaginado que houvesse pessoas que se reuniam em torno da FC. Na verdade, não sei o que esperava quando parei no *stand* da Bienal e me associei ao Clube. Fiquei fascinada com o *Somnium* e com a idéia de que existiam fanzines dedicados à FC.

Compareci à primeira reunião do Clube depois da Bienal. Apesar da divergência de opiniões, percebi que havia algo a mais naquelas pessoas, que havia a preocupação em realizar um ideal, mesmo que este talvez não fosse o mesmo para todos ou que cada um tivesse a sua teoria própria sobre como alcançá-lo. No começo, não conseguia entender grande parte do que se dizia, já que não conhecia quase nada de FC. Mas aos poucos, através das "aulas" do Marcello, do César e do Causo, comecei a me localizar.

Foi assim que, depois de conviver algum tempo com essas pessoas, aceitei ser secretária do Clube. Achava que assim estaria fazendo parte de um grupo de pessoas a quem admirava e contribuindo, de alguma forma, para o ideal que possuíam.

Mas, acontece que na sigla "CLFC", antes do "Leitores de Ficção Científica" existe a palavra "Clube", o que pressupõe uma reunião de

pessoas, totalmente diferentes entre si, com objetivos diferentes e visões de mundo próprias que, em qualquer grupo, são difíceis de conciliar. Através dessas diferenças temos a melhor oportunidade de aprender mais, não só sobre a FC, sobre a arte e ciência que ela transmite, mas também sobre nós mesmos, sobre

"Nestes três anos de Clube, dois dos quais na diretoria, a palavra que eu melhor escolheria para definir é 'desafio'."

nossas possibilidades e limitações, tentando realizar juntos aquilo que, isoladamente, dificilmente conseguiríamos.

Não creio que qualquer uma das pessoas que tenha participado da vida do Clube possa se dizer a mesma. Cada pessoa com quem convivi me ensinou um pouco de si: o

Nascimento, fundador do Clube e responsável maior pela oportunidade que tivemos; o Ivan, presença sempre alegre e conciliadora; o Causo, sempre com uma palavra de incentivo e pronto a ajudar; o Gumerindo, com a mesma garra de todos os dias; o Humberto, lembrando-nos daquilo que ainda nos falta fazer; o Cesar, com a sua análise crítica buscando novos caminhos; o Marcello, com sua competência e persistência na edição do *Megalon*, enfim, cada um à sua maneira, todos contribuindo de alguma forma para que o Clube seja o que é.

Nestes três anos de Clube, dois dos quais na diretoria, a palavra que eu melhor escolheria para definir é "desafio". Não só para mim, mas para todos os que, como eu, estão mais acostumados à leitura de um bom livro do que à difícil convivência com a sociedade humana. O CLFC é um órgão de extrema importância na FC e na cultura nacionais, embora ainda não tenha desenvolvido todas as suas possibilidades. Mas ele é, antes de mais nada, um espelho, no qual veremos refletida a imagem que desejamos, se formos capazes de nos manter unidos, se nos esforçarmos por compreender e fazer-nos compreendidos, sobrepondo o nosso esforço próprio ao nosso orgulho e comodismo.

ORSON SCOTT CARD (259)

Dez anos de vida — parabéns! Uma das melhores coisas em se fazer parte do campo da ficção científica é que a FC sempre teve uma comunidade crítica viva. Escritores e leitores falam uns com os outros, reclamam uns com os outros, encorajam uns aos outros — mas mesmo quando discutem uns com os outros, ainda temos em comum nossa crença de que a ficção científica é importante, que o que escrevemos e dizemos uns aos outros importa. No Brasil, onde a ficção científica é ainda jovem, o CLFC é o coração que bombeia o sangue da vida na crescente e florescente comunidade de ficção científica.

Tenho orgulho de ter sido um visitante em sua comunidade; de fato,

"No Brasil, onde a ficção científica é ainda jovem, o CLFC é o coração que bombeia o sangue da vida na crescente e florescente comunidade de ficção científica."

em um lugar secreto de meu coração, penso de mim mesmo como, talvez, um cidadão naturalizado da FC brasileira; ou ao menos, um emissário permanente ligando a FC norte-americana com as espécies unicamente brasileiras de ficção especulativa que vocês estão criando juntos. Vocês trataram a mim e ao meu trabalho com constante generosidade, e a despeito de uns poucos e fracos esforços de minha parte, ainda permaneço grandemente em débito com vocês. Congratulações pela primeira de muitas décadas; espero que possa visitar novamente meus amigos e companheiros criadores da única ficção que verdadeiramente fala ao presente e ao futuro de nosso mundo.



189

O Relógio Belisário, José J. Veiga. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, 147 págs.

GOOSEBUMPS-Arrepio-Bem Vindo à Casa do Arrepio, R.L. Stine. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1995, 117 págs.

Esconderijo (*Hideaway*), Dean R. Koontz. Rio de Janeiro: Record, 1994, 380 págs. Tradução de Bráulio Tavares.

Se o Brasil pode se inserir numa tradição latino-americana de realismo fantástico na literatura, é através de José J. Veiga, um autor do mesmo naipe de Cortázar ou Borges, que apresenta ainda duas vantagens: escreve em português e está vivo e em plena atividade, aos oitenta anos de vida.

Autor de mais de uma dezena de livros, onde a poesia é veículo para o absurdo e o inusitado, Veiga não abre mão da crítica social, da aversão à violência, do humor e de uma linguagem que, na fronteira entre o coloquial e o despojado, muito o aproxima das crianças.

Aliás, embora não se classifique como escritor intanto-juvenil, Veiga encontra no público jovem uma legião de fãs. Entre seus admiradores, sem dúvida, encontram-se também leitores que apreciam ficção científica e literatura fantástica em geral.

Admirado no exterior, onde teve obras traduzidas em vários idiomas, Veiga é um escritor das coisas brasileiras, dos costumes, dos hábitos, das crendices. Ele já criou fábulas que criticaram a ditadura militar, como *Aquele Mundo de Vasabarro*, mas o resultado é um libelo contra todos os sistemas autoritários e injustos do mundo, o que torna sua obra universal.

Seu último livro é um pequeno romance intitulado **O Relógio Belisário**. Conta uma história incomum, bem ao estilo de seu autor. Fala de um relógio construído há mais de duzentos anos na Europa, e comprado num leilão por um tal de desembargador Mariano, e colocado com grande destaque sobre um mó-



vel da sala de sua casa de campo, nos dias atuais. Como que dotado de magia, o relógio desperta a atenção de todos os que se aproximam dele, exercendo tamanha atração sobre o proprietário e sua esposa, D. Artemísia, que o casal decide abandonar o apartamento na cidade e viver para sempre no campo.

Mais do que isso, contudo, o relógio parece guardar todas as imagens que se passaram em sua presença. E como se não bastasse, transmitir essas imagens ao garoto Belisário, um menino órfão agregado ao sítio onde trabalha fazendo pequenas tarefas.

O garoto começa a ver imagens de batalhas com explosões e tropel de cavalos, o que lhe causa profunda impressão e o medo de estar ficando louco.

Seus temores são afastados, contudo, quando Simão, o filho do casal, começa também a ter visões. Após especulações infundáveis, acabam concluindo que o menino é uma espécie de “médium de relógios”, e um pequeno grupo passa a se reunir em torno do relógio, para ouvir as histórias que o menino consegue captar.

A mais surpreendente se refere à compra do relógio por um milionário brasileiro chamado José Carlos Roche, em Paris em 1905. De lá, foi para Londres resolver assuntos empresariais e depois volta para o Rio de Janeiro.

No navio José Carlos fica conhecendo um cavalheiro inglês e descobre, pasmado, que se trata de Sherlock Holmes, o famoso investigador imortalizado na obra de Arthur Conan Doyle. (Curiosamente, *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares, também

apresenta contexto semelhante — assim como uma onda de romances que chegaram ao Brasil em 1995, todos eles ambientados no século XIX ou vizinhanças, com personagens fictícios convivendo com protagonistas históricos: *A Mecânica das Águas*, E.L. Doctorow; *O Alienista*, Caleb Carr; *Mestres do Mistério*, William Hjortstberg; e *O Grupo dos 7*, de Mark Frost.)

José Carlos e Holmes estabelecem um relacionamento amistoso, e o brasileiro decide hospedar o investigador britânico em sua casa no Rio. Seguem-se irônicas considerações sobre a alta burguesia carioca, em contraste com os costumes europeus, até que um roubo numa casa em Laranjeiras, projeta a ação para uma trama policial.

Quando o delegado local se atrapa-lha com a aparente falta de pistas, Sherlock vem em seu auxílio, sugerindo que procure alguém que fale javanês, visto que o punhal utilizado no arrombamento da caixa de jóias é típico dos piratas javaneses.

Nesse ponto, o escritor Lima Barreto é interrogado, e explica que apenas escreveu um conto sobre um homem que falava javanês. Contudo, o processo de criação da obra dá pistas sobre onde encontrar o dono de um punhal que pode muito bem ser a arma do crime.

Muitos personagens verdadeiros e fictícios aparecem, e a vida brasileira do início do século é esmiuçada de maneira crítica e bem-humorada.

O final, contudo, decepciona: ainda existem muitas histórias que o relógio poderia contar, mas seu autor prefere evitar os eventos de persegui-

ções, tortura, exílio e sofrimento pelos quais passou o Brasil durante vinte anos. Deixou para os leitores apenas a esperança de que sonhos de igualdade e esperança no futuro possam ser alcançados por todos, mesmo que sejam apenas meninos enfeitados que têm o dom de ouvir relógios fantásticos.

A literatura infanto-juvenil tem um imenso desafio neste final de século: cativar as gerações habituadas à televisão, aos *games* e ao computador, para a leitura de um bom livro. Histórias de casinhas e borboletas, nem pensar. A garotada quer mesmo é muita ação.

No Brasil, autores como Marcos Rey e Ruth Rocha, só para citar exemplos dos mais bem-sucedidos, vêm entre-tendo seu público com livros adequados à nossa realidade, apostando em temas policiais e de mistério.

Quase dentro dessa linha, mas radicalizando para o terror, o americano R.L. Stine tornou-se um campeão de vendas em seu país, publicando a série *Arrepio*, que chegou até nós este ano com a aventura *Bem Vindo à Casa do Arrepio*, um ótimo exemplar dessa nova vertente.

A noveleta é narrada por Amanda, uma adolescente de doze anos. Ela e seu irmão Josh estão prestes a enfrentar uma situação que ninguém em sua idade desejaria viver: o pai deles recebeu uma casa como herança de um tio desconhecido, e é preciso mudar de cidade.

Não bastasse o fato de abandonar a escola e os amigos, os dois, mais o cãozinho Petey, acabam detestando seu novo lar em Dark Falls, instantaneamente.

O casarão abandonado lembra uma casa mal assombrada. A cidade não fica atrás: não se vê ninguém nas ruas, e os jovens locais são extremamente misteriosos. Num primeiro encontro com eles, os dois irmãos ficam com a sensação de que algo de muito ruim poderá acontecer.

Como se isso não bastasse, Amanda começa a ter visões de um garoto em seu quarto, e de alguém mexendo nas suas coisas e em suas roupas.

Com a tensão crescendo e os fatos estranhos se avolumando, Josh e sua

irmã são projetados numa situação de terror da qual terão de se livrar através de seus próprios recursos.

Stine é um autor consagrado, com cerca de duas dúzias de livros infanto-juvenis de terror e mistério, além de ser o redator-chefe de um programa infantil de TV. Seu estilo é claro, interessante, capaz de prender a atenção de crianças e jovens, e de não fazer feio com os pais.

O livro tem o tamanho ideal para desenvolver a ação convenientemente, mantendo o interesse do mais impaciente leitor desabituaado a carregar um livro nas mãos. Além disso, traz um resumo da próxima aventura da coleção, igualmente com protagonistas jovens vivendo aventuras arrepiantes, dignas dos melhores seriados da *matinê* de televisão.

Com a vantagem de que se pode reler no momento que desejar.

Os apreciadores do gênero do horror podem encontrar no Brasil bons livros de autores consagrados, como Peter Straub, Frank de Felitta, Thomas Harris (que escreveu o extraordinário *O Silêncio dos Inocentes*), ou os vampiros românticos de Anne Rice, além de outros clássicos como Edgar Allan Poe.

Mas, certamente, nenhum desses autores tem uma legião de fãs tão fiel como os leitores de Stephen King, que já publicou dezenas de livros no mundo inteiro e sabe lidar com todas as nuances do gênero com absoluta maestria.

Nesse mercado rico e produtivo, era inevitável que surgisse cada vez mais "descendentes". Um dos mais bem-sucedidos é Thomas M. Disch, de prosa cáustica e elegante, e outro é Dean Koontz, num estilo mais popular.

Autor de vários livros recheados de um terror grandiloquente e de fácil consumo, Koontz é, sobretudo, um ótimo criador de personagens. Suas histórias quase sempre beiram a ficção científica, porque se baseiam em explicações científicas ou técnicas, e carregam no mistério dos mais pegajoso, do tipo que gruda no leitor e o impede de largar o livro até a última palavra, mesmo que isso represente uma certa decepção.

Neste *Esconderijo*, Koontz acertou

a mão. A trama fala de um homem comum chamado Hatch Harrison, que sofre um acidente automobilístico e vai parar nas águas geladas de um rio, com ferimentos graves.

Quando finalmente é resgatado está morto, mas é levado para um hospital, onde um médico brilhante é responsável por um método capaz de trazer de volta à vida vítimas de longos períodos de hipotermia. Hatch sobrevive, e comemora com sua mulher Lindsey, a oportunidade de uma nova vida.

Nem tudo são flores, contudo. Pessoas que ofendem Harrison passam a ter morte violenta. Além disso, ele percebe que trouxe consigo do outro mundo, uma presença macabra. Pior ainda, consegue aos poucos ver através dos olhos de um assassino brutal e maldoso, que mata obedecendo a um ritual demoníaco, e transforma os corpos de suas vítimas em estátuas para honrar o Senhor das Trevas.

Num percurso desesperado para desvendar o mistério e deter o assassino, Hatch se defronta com um jovem psicopata que se julga um demônio egresso do inferno e supõe que para voltar para lá, tem de se tornar digno de seu mestre, e para tanto, inicia a onda de mortes grotescas.

A história desse jovem envolve uma complicada relação com um pai incapaz de mudar com seu amor a paranóia do filho e sente culpa por isso, tentando compensar sua falta ajudando as pessoas com sua atividade médica.

O final inesperado conduz a trama para reinos sobrenaturais, onde cada um dos protagonistas deverá cumprir uma espécie de missão que possa reconduzir ao equilíbrio entre o Inferno e o Céu, tendo a Terra como campo de batalha.

Transformado em filme com o ator Jeff Goldblum no papel principal, o livro tem suas falhas e às vezes escorrega nos clichês. Mas é terror de boa qualidade e cumpre seu papel: assusta e diverte na medida certa.

Livros a serem resenhados por Finisia Fideli devem ser enviados à Caixa Postal 2105, w/c Finisia Fideli - São Paulo-SP - 01060-970.

Alguma Coisa no Céu, Marien Calixte. São Paulo: Ficção Científica GRD 20, Edições GRD, 1995, 77 págs. Ilustrações internas por Wagner César Veiga.

Jogo Perigoso (*Gerald's Game*), Stephen King. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994, 332 págs.

Espada da Galáxia, Marcelo Cassaro. São Paulo: Editora Trama, 1995, 280 págs. Capa e ilustrações internas por Marcelo Cassaro.

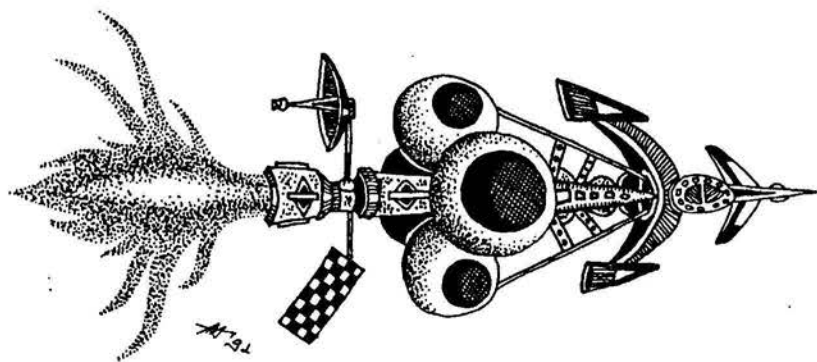
Marien Calixte é um autor singular dentro da ficção científica brasileira. Enquanto a maioria dos nossos escritores de FCB dividem-se entre São Paulo e Rio, Calixte vive em Vitória do Espírito Santo. Meio que compreendendo essa singularidade, ele recheia suas histórias com as paisagens e os modos capixabas — sempre em um envelope de mistério, elegância e encantamento.

Dez anos depois da primeira edição da sua coletânea *Alguma Coisa no Céu*, as Edições GRD lançam esta versão revista e ampliada pela presença de um novo conto, “Cracas, Ostras e Sururus”.

O denominador comum dos sete contos da coletânea é a presença de Objetos Voadores Não-Identificados e de outros fenômenos associados aos OVNI's, como *caidocéu*, que dá o título daquela que deve ser a melhor história do livro: seguindo o desaparecimento de um ônibus, estranhas esculturas de mármore começam a aparecer em diversos pontos da cidade, como que caídas do céu. Um jornalista investiga o desaparecimento e as esculturas, ao lado de autoridades locais. “Caidocéu” transmite efetivamente um conteúdo de mistério e estranhamento que invadem o cotidiano, e essa perspectiva é central para a coletânea.

No premiado “O Visitante”, Calixte transmite essa perspectiva em uma história lírica sobre incesto praticado por uma jovem viúva, em uma aldeia de pescadores do Espírito Santo, que teria engravidado de um alienígena.

“Procurem Beto” é a história da abdução de um menino, enquanto “As Pedras Ovaladas” apresenta a morte



de um caçador associada ao surgimento de um disco voador em um morro marcado pelas pedras do título. E “Alguma Coisa no Céu” assume pela primeira vez o ponto de vista do tripulante de um OVNI, sobrevoando a praia onde um casal faz amor. No final deste conto Calixte nos premia com um de seus inspirados haikais, ele que já escreveu dois livros dessa forma lírica oriental.

Infelizmente a história inédita, “Cracas, Ostras e Sururus”, é de algum modo decepcionante. O conto trata da cidade de Vitória submersa no Atlântico, e tem como protagonista o misterioso Graciliano (homenagem a Graciliano Ramos), um homem de 179 anos que vive sozinho nas colinas que rodeiam a Vitória submersa. O conto também apresenta a visita de OVNI's, mas seu enredo inexistente, em uma narrativa um tanto apagada, marcada ainda por uma denúncia ecológica óbvia demais, o previne de terminar a coletânea com mais força. Há, não obstante, um clima melancólico e apocalíptico, que fecha suficientemente bem o livro.

Nestes dez anos Marien Calixte produziu apenas nove contos dentro da FC. Mais trabalhos de sua autoria, com maior variação temática, seriam mais que bem vindos.

Considerado por muita gente como um dos maiores críticos da sociedade norte-americana (um moderno Charles Dickens), e por outros como um escritor comercial excepcionalmente bem sucedido, Stephen King volta ao Brasil com *Jogo Perigoso*, agora pela Objetiva, depois de ter passado pelo trabalho de promoção

incompetente da Francisco Alves.

Jogo Perigoso é o primeiro livro da nova fase de King, depois de *Trocas Macabras* (Francisco Alves), que fecha a fase anterior. Após o sucesso comercial, King decidiu que podia aceitar o desafio da crítica, e passou a produzir romances onde abandona os elementos tradicionais do horror sobrenatural, em prol de uma caracterização psicológica mais aprofundada. Também, com este romance e o segundo da nova fase, *Eclipse Total* (Francisco Alves, 1995), o desafio de criar personagens femininas profundas e significativas.

A leitura de *Jogo Perigoso*, contudo, não desaponta os fãs do autor. Ainda há muito horror em suas páginas, e King continua sendo o grande crítico da vida americana.

A história começa com o casal Gerald e Jessie Burlingame em uma cabana à beira de um lago no Maine, iniciando um jogo sexual onde Jessie é algemada à cabeceira de uma pesada cama. Mas na hora H ela desiste, diz não, mas Gerald — um advogado bem sucedido — vai em frente. Ela percebe que será vítima de um “estupro de marido”, e reage. Resumindo, o excitado Gerald sofre um ataque, cai de cabeça da cama e morre — deixando a mulher algemada e só, na cabana isolada.

Jessie é visitada por um cão vira-latas que resolve almoçar o cadáver de Gerald. (O cão, Príncipe, é também o único outro ponto de vista narrativo, além de Jessie.) Outra visita é o que Jessie chama de “Space Cowboy”, uma figura bizarra, um homem deformado que carrega uma maleta cheia de ossos e jóias. Para a mulher indefesa, o vira-latas e a

presença espectral desconhecida são ameaças absolutas à sua vida e sanidade mental.

Mas Jesse tem ainda que se defrontar com fantasmas interiores. Vítima de um caso de abuso sexual quando criança, durante um eclipse do sol (também importante em *Eclipse Total*), ela realiza, ao longo do romance, uma longa e atormentada auto-análise, dialogando constantemente com vozes autônomas dentro dela: Boa-esposa Burlingame, a Jessie que é a esposa submissa do advogado; Ruth Neary, a amiga que chegou a sondar o seu trauma; e Punkin, a Jessie criança, revivendo passo a passo o instante do abuso. Usando o recurso das múltiplas vozes, King não só caracteriza o estado mental extremo da protagonista, como torna o romance mais dinâmico.

O que Jessie vive é, conforme suas próprias conclusões definem, um estado de hiper-realidade — situação concentrada no agora, estando fora aquelas considerações que fazem da vida em sociedade o que ela é: status, dinheiro e segurança. Sem a segurança, Jessie é forçada a encarar a verdade da sua condição de mulher, e o romance então se torna uma crítica a um estado de coisas no qual a mulher é submetida, abusada, e ainda assim, passiva e receptiva, se tiver segurança.

Mas não para por aí. Com o personagem do Space Cowboy, visto pelos

olhos transformados de Jessie, King desfila novos horrores que afirmam a sociedade norte-americana como produtora de abusos e violências que se perpetuam. (É possível afirmar que todos os personagens importantes são vítimas de abuso — incluindo Príncipe.)

Jogo Perigoso é um romance de sobrevivência não apenas física, mas também a sobrevivência do indivíduo em um mundo onde verdades pessoais e sociais não podem mais ser escondidas.

Stephen King não abandonou o horror sobrenatural. O conto "The Man in the Black Suit", publicado na prestigiosa revista *The New Yorker*, é uma história em que o diabo aparece em carne, ossos e enxofre. King igualmente não abandonou a fantasia, pois ainda se dedica à série *Dark Tower*, que infelizmente não tem tradução no Brasil.

O jovem autor Marcelo Cassaro — visto com contos nas revistas *Dragão Brasil* e *Só Aventuras*, editadas por ele para a mesma Editora Trama — criou com *Espada da Galáxia* uma aventura bem-humorada, destinada ao leitor igualmente jovem. O romance bebe daquele tipo movimentado e colorido de ficção científica que vemos nas séries de televisão e desenhos animados japoneses — bem como do *mangá*, os quadrinhos do

Japão (também refletidos no tipo de ilustração de Cassaro).

O resultado é um *space opera* diferente, que, se por um lado não alcança a profundidade daquela FC mais embasada na tradição literária do gênero, por outro produz com certeza a mais divertida história de ficção científica brasileira a surgir nos últimos tempos.

Narra as aventuras de uma espécie de alienígenas humanoides de estrutura metálica — os metalianos —, cujo capitão Cursor compra briga primeiro com os traktorianos, uma espécie de bio-robôs, e finalmente com os humanos, forçando os dirigentes metalianos a enviar uma divertida força-tarefa para lidar com Cursor, com a ajuda de um casal de jovens brasileiros. O romance ainda inclui uma série de referências que vão interessar especialmente ao *trekker* associado à Frota Estelar Brasileira.

Cassaro escreve com grande domínio do ofício, e tem muito a contribuir para a FC nacional — especialmente se se aproximar mais das tradições literárias do gênero.

No momento o seu livro está sendo comercializado apenas pelo reembolso postal.

Livros a serem resenhados por Roberto de Sousa Causo devem ser enviados à Caixa Postal 2105, a/c Roberto de Sousa Causo, São Paulo-SP, CEP 01060-970.

Zona de Fronteira

Fábio Fernandes

Esta seção tem como objetivo retomar a crítica de pocket books, que já andava meio esquecida no fandom brasileiro. Seu nome, retirado de uma música de João Bosco,

reflete a estranha condição dessa categoria de livro: a de ser ao mesmo tempo um elo de ligação do leitor e do escritor brasileiros com o que se faz no exterior, e também um abis-

mo para os que, por não saberem inglês, vêem negada a possibilidade da publicação desses livros no Brasil. É para tentar suavizar esse abismo que esta seção foi criada.

Steel Beach, John Varley. New York: Ace Science Fiction, 1993, 566 págs.

Pense bem: você compraria um livro que começasse com a frase "Em cinco anos, o pênis será obsoleto"? Não? Pois então perderia um dos livros mais instigantes e engraçados da ficção científica americana dos últimos tempos.

Escrito por John Varley (cujo livro *Millennium* já foi resenhado devidamente na predecessora desta seção, "Pockets em Revista"), *Steel Beach*

concorreu ao Prêmio Hugo de melhor romance de 1994.

A história é instigante a começar pelo título: no decorrer do livro, o ser humano é comparado ao proverbial peixe que saiu da água em busca do próximo passo na evolução. Só que a praia é de aço. Literalmente. Pois a ação se passa às vésperas do bicentenário da invasão da Terra por alienígenas, fato que tornou o planeta inabitável e fez com que as colônias da Lua e dos oito mundos restantes do Sistema Solar fossem os últimos

sobreviventes da raça humana. À maneira de Kurt Vonnegut, os alienígenas são absolutamente indiferentes a nós, e sempre tratados de forma distante, pois ninguém jamais sequer viu um deles, e eles exterminaram a vida na Terra aparentemente sem se dar conta do que havia nela. E isso é apenas o pano-de-fundo da narrativa: na verdade, a história é outra.

Envolvendo Hildy Johnson, jornalista a serviço do *The News Nipple* (literalmente, "O Mamilo Diário") —

sinal dos tempos), o jornal de maior circulação de Luna. Varley não esconde nada do leitor: o nome Hildy Johnson é uma homenagem descarada ao protagonista do excelente filme *A Primeira Página*, vivido no cinema por Jack Lemmon. Como no filme, Johnson possui um inesgotável estoque de tiradas, e está sempre disposto a utilizá-las sempre que necessário. Some-se a isso o fato de que ele tem quase a idade do bicentenário — sim, nessa época, longevidade e mudança total de sexo, entre outras coisas, são bastante comuns. Em suma, com sua experiência de vida, Hildy Johnson é um jornalista perfeito numa sociedade perfeita.

Ou quase. Porque é aí que surge a pergunta que se torna o fio condutor da trama: como se vive numa sociedade perfeita, onde todos têm tudo?

Johnson — no começo do livro um homem, depois uma mulher — só se dá conta de que as coisas não vão tão bem assim após a terceira tentativa de suicídio. Só então, auxiliado pela

inteligência artificial que comanda Luna e que parece ter um carinho especial por ele, é que percebe que não é a única pessoa que está fazendo isso. Pior: aparentemente, a onda de suicídios que está começando a surgir está tendo um efeito adverso sobre a inteligência artificial, agora humana demais. E que está começando a ter sérias intenções de se “suicidar” também, o que certamente levará ao extermínio dos humanos em Luna. Cabe a Johnson, entre crises existenciais e grandes furos de reportagem, tentar impedir um desfecho total.

Steel Beach é um verdadeiro circo, repleto das figuras mais estranhas dos últimos tempos na FC: uma religião que cultua ídolos da mídia e cujos sacerdotes são cabeças implantadas dentro de aparelhos antigos de televisão, complexos Disney para adultos, imitando desde o Velho Oeste americano (uma espécie de *Westworld*, mas sem os andróides) até o Kansas de Dorothy em *O Mágico*

de Oz, uma herdeira do trono inglês mais conhecida por suas habilidades de luta-livre, um criadouro de dinossauros que deixaria o Parque Jurássico no chinelo e... bom, o resto vocês podem ler; ainda há muito mais a ser descoberto nesse livro.

Impossível comparar o estilo desse livro com o de algum outro. Varley é Varley. A agilidade das cenas e a inteligência dos diálogos não deixam o leitor largar o livro um minuto. Para melhorar as coisas para o leitor, o livro é escrito na primeira pessoa. E Varley sabe deixar como ninguém a voz de seu protagonista falar. No decorrer de *Steel Beach*, eu me peguei fazendo algo que não me recordo de ter feito antes, pelo menos com um livro de FC: soltei gostosas gargalhadas com as tiradas de Hildy Johnson e as situações absolutamente bizarras por que *ele/ela?* passa no decorrer das 566 páginas de pura ação do livro. Nade atrás dessa praia de aço: você não vai se arrepende.

Einstein's Dreams, Alan Lightman. Warner Books, 1994. 180 páginas.

Os mais atentos devem estar estranhando a inclusão deste livro na coluna. Afinal, ele já foi publicado em português (pela Companhia das Letras, há cerca de dois anos) e não foi considerado ficção científica na época. Aliás, nem o *pocket* da Warner Books possui esse rótulo na lombada.

Que isso não seja razão para nos impressionar: sabemos que volta e meia aparecem livros de autores *mainstream* que não recebem a classificação no gênero por uma dezena de motivos, menos o conteúdo. É o caso de Alan Lightman, educado em Princeton (não por acaso, onde Einstein lecionou) e no California Institute of Technology. Autor de vários livros de divulgação científica, como *Time Travel and Papa Joe's Pipe*, *Ancient Light* e *Time for the Stars*, Lightman hoje dá aulas de Física e redação literária no Massachusetts Institute of Technology (MIT). *Einstein's Dreams* é seu primeiro livro de ficção.

Científica? Certamente. Pois o que Lightman faz, nas 179 páginas deste livro finíssimo (nos dois sentidos) é brindar o leitor com uma viagem nostálgica aos tempos da juventude de Albert Einstein, mais precisamen-

te em 1905, quando ele trabalhava como funcionário do registro de patentes em Berna, na Suíça. Aliando uma forma rigorosa, metricamente contida (que nos lembra Borges e Italo Calvino), Lightman nos conta, entre breves *flashes* da vida do gênio, possíveis sonhos relacionados com o tema que obcecava o jovem físico na época, e que são de especial interesse para nós, fãs de FC: o tempo.

Em cada sonho, Einstein vê um universo e uma possibilidade. Num desses mundos, causa e efeito não ocorrem necessariamente nessa ordem. Em outro, o fluxo do tempo costuma arrebatar pessoas aleatoriamente e jogá-las para o passado, onde ficam encolhidas e quietas, paralisadas com o medo de acidentalmente mudar o rumo da História. Em um desses estranhos universos, o tempo funciona diferente de acordo com a altura, e por isso todos moram em montanhas, para que o tempo passe mais devagar para eles. Há um mundo onde o tempo não existe, apenas imagens. E ainda um outro onde o mundo chegará ao fim em 26 de setembro de 1907, e todos sabem disso. Ou outro mundo onde as pessoas vivem para sempre, e se dividem naqueles que querem fazer de tudo um pouco o mais rápido possível e que nos que, justamente por terem tempo

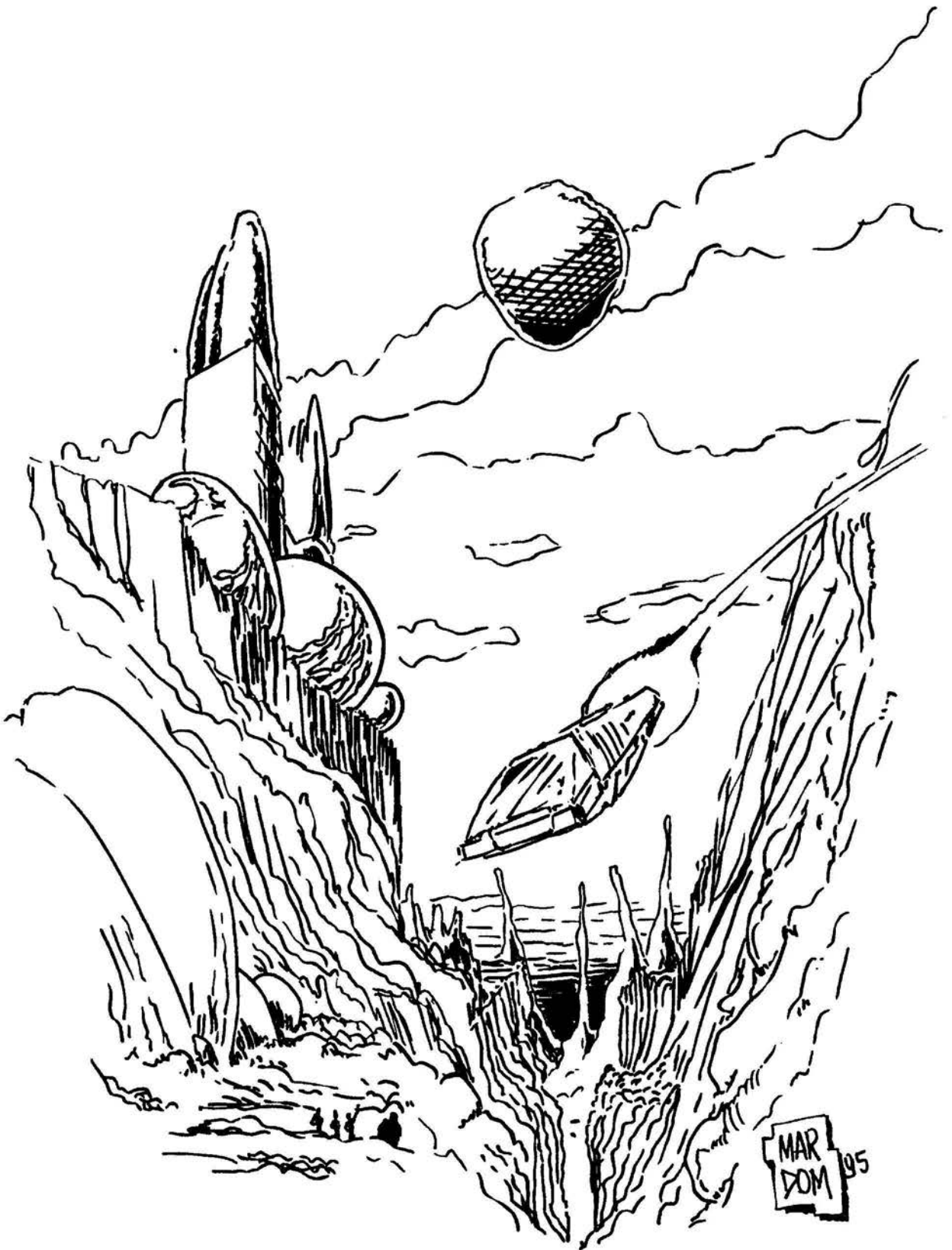
bastante, se dispõem a fazer as coisas o mais devagar que puderem.

São 30 sonhos. Cada um tem em média quatro páginas. A vantagem é que o tempo não funciona para esse livro: você pode ler suas páginas na ordem que desejar, não faz diferença. A diferença essencial, entretanto, reside no fato de ler ou não esse livro. Eu poderia ter seguido o exemplo de um amigo meu, um jornalista que resenhou o livro para um jornal do Rio, e nem comprá-lo. Mas certamente o universo em que essa decisão aconteceu não seria tão rico e fascinante para mim.

Já estava na hora de um livro como *Einstein's Dreams*. É um descanso bem-vindo das aventuras de ficção científica (por melhores que elas sejam) para nos fazer voltar ao *sense of wonder*, que é, afinal, o que dá asas à nossa imaginação. É preciso ser desprovido dela para não se emocionar, ou no mínimo não se interessar pelos sonhos (ainda que fictícios) de um ídolo da maioria dos fãs deste gênero.

Para leitores, um prazer. Para escritores, uma preciosa ferramenta de trabalho.

Livros a serem resenhados por Fábio Fernandes devem ser enviados à Caixa Postal 2105, a/c de Fábio Fernandes, São Paulo, SP, CEP 01060-970.



A GERAÇÃO PERDIDA DE JORNADA NAS ESTRELAS

Marcello Simão Branco

O sétimo filme de *Jornada nas Estrelas* no cinema, *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*, foi exibido em abril deste ano no Brasil. Como fã de ficção científica acredito que você tenha visto este filme. Também deve ter comentado com amigos e lido artigos em jornais e revistas brasileiras e estrangeiras. Mas ainda acho atual o texto que escrevi e gostaria que o lesse a seguir. Uma visão pessoal de um fã e militante da série há quase uma década.

Nunca fui muito entusiasta dos filmes desta série de TV no cinema. Mas vá lá, alguns tiveram momentos tão bons quanto os melhores episódios da série clássica. Especialmente *Jornada nas Estrelas II, IV e VI*. Os ímpares tiveram mais baixos do que altos.

E que "altos" podemos identificar neste *A Nova Geração*? Para mim, nenhum. Feito para ser uma ponte entre a geração clássica e a nova geração, o filme perdeu-se no meio do vácuo interestelar de mediocridade e ganância. Mediocridade de roteiro, idéias e produção. Ganância das centenas de milhões de dólares que a marca *Star Trek* representa hoje na indústria cultural americana e internacional.

Mas vamos lá, deixe eu contar-lhe a minha amarga visão: Como lhes disse, a única "novidade" é a estréia em tela grande da *Nova Geração*. E pelo visto preparem-se para mais uma longa carreira, como já teve a geração anterior e seus seis longametragens.

Mas os "velhinhos" da geração clássica ainda marcam sua presença neste último episódio: Kirk, Scott e Chekov participam do início do filme. Depois do desfecho bonito e emocionante do sexto filme, ficaria difícil imaginar como aproveitar os atores em um novo longa — ainda mais com os astros da *Nova Geração*. Mas o que interesses financeiros não fazem: Scott e Chekov têm presenças totalmente dispensáveis. Isso sem fa-

lar no que aprontaram com o lendário capitão James T. Kirk — um dos personagens mais populares e emblemáticos da cultura pop deste fim de século. Gordo, idoso e com uma peruca indisfarçável, William Shatner não deveria ter cometido a "aventura" de entrar nesta nau sem rumo. Mais inteligentes foram as outras lendas *trekkers*, Leonard "Spock" Nimoy e DeForest "McCoy" Kelley, que, depois de lerem o argumento, recusaram a proposta.

O que os Rick Berman(s) "da vida" — Berman é o principal produtor de *Star Trek* depois da saída de Harve Bennett e da morte de Gene Roddenberry (em outubro de 1991) — fizeram com o capitão Kirk! Conseguiram matá-lo... E duas vezes em um só filme! E na segunda, uma forçada de barra incrível, para realmente enterrar qualquer possibilidade de retorno dos personagens clássicos em futuros filmes no cinema.

Generations tem uma história confusa, fraca de conteúdo, inverossímil, com um roteiro cheio de furos e situações dispensáveis. Além de atores com atuações comprometedoras: Marina Sirtis, a conselheira Deanna Troi, que em sete anos de *Nova Geração* só tem uma fala: "Você está bem?"; Brent Spiner, o popular Data, que também em todos estes longos anos não só mostra que não superou seu "Complexo de Pinóquio", como o leva às raias do absurdo neste filme. Bom, mas tem coisa ainda pior. O vilão, interpretado pelo decadente Malcolm McDowell, que só fez um filme bom em toda a sua carreira (*Laranja Mecânica*, do Kubrick), então, me fez ficar com pena de Kirk e Picard, tomando porrada de um cientista louco, baixinho, cabelos brancos e nenhum cérebro. E para quem já enfrentou o comandante Kor, Khan, Harry Mudd, Trelayne, Q, os borgs, entre outros, se deparar com Soram é uma *heresia interestelar*!

E olha que a expectativa para esse filme até que era boa. Não posso ne-

gar. A partir de sua terceira temporada (aqui no Brasil só vimos a primeira, que deixa muito a desejar), *Star Trek: The Next Generation* deu um salto de qualidade, de audiência e de conteúdo admirável. Teve dezenas de episódios que nada devem para os da série clássica, como por exemplo: "The Best of Both Worlds I e II", "Unification" (disponível em vídeo no Brasil), "Relics", levando vários prêmios da TV americana, e até indicações e prêmios do fandom americano de ficção científica: os episódios "The Inner Light" e "All Good Things" receberam o Hugo em 1993 e 1995.

E até eu, fã exigente, me esforcei: fiz questão de assistir à primeira sessão no dia da estréia. Vestido à caráter: uma camisa estampada com a *Enterprise* clássica, *bottom*, etc. Só que no final da exibição, ao acender das luzes, me senti como um Cyrano Jones (o comerciante idiota do episódio "Problemas com os Pingos", lembram-se?), pois reparei que era o único vestido como *trekker* em todo o cinema. Nessa hora seria bom ter um sócio da Frota Estelar por perto! E não deu pra disfarçar risadinhas e olhares constrangedores que algumas pessoas me dirigiam. Como se eu fosse parte daquela caricatura em que se transformara *Star Trek*.

Ué, mas será que virei um chato rabugento e saudosista? Pois ao que parece, a maioria (e creio que você mesmo, não, leitor?) gostou de *A Nova Geração*. Olha, tem um pouco disso sim. É o seguinte: cresci assistindo *Jornada nas Estrelas* ainda nos anos 70, na extinta TV Tupi aos sábados à tarde, ao lado do meu pai. Depois, faltava na escola, não estudava para ver *Jornada* nas tardes da TV Bandeirantes, agora na primeira metade dos anos 80. Comecei a me interessar por ciência e ficção científica graças a essa série realmente singular na história da televisão, e da própria ficção científica como um todo. E aqui vão minhas evocações:

Episódios inesquecíveis — “A Cidade à Beira da Eternidade”, “Missão de Misericórdia”, “A Máquina da Destruição”, “As Selvagens”, entre tantos outros —, personagens que são ícones culturais: Kirk, Spock & McCoy, a bela e inigualável *Enterprise* (qual fã nunca sentiu uma ponta de inveja de Kirk, por não ter tão bela “mulher” para cuidar?), e todas as nuances e detalhes criados e produzidos com esmero e sacrifício por gente como Gene Roddenbery, Gene Coon, Bob Justman e D.C.Fontana. E tudo isso se transformar neste espetáculo comercial para adolescentes imbecilóides nestes anos 90, tanto nos EUA, como daqui do Brasil e mundo afora, realmente me tira do sério.

Gostavam de *Jornada* jovens curiosos, inteligentes, em sua maioria. Gostam das “Jornadas” atuais, com raras excessões, pessoas não acostumadas a pensar, sem exigência. Ora, mas que paradoxo! Justamente o inverso de um dos maiores méritos da série clássica. *Star Trek* virou uma poderosa máquina de centenas de milhões de dólares em todo o planeta. E nisso, a qualidade perdeu-se em algum buraco negro. É só ver os episódios exibidos no Brasil do segundo *remake*, *Deep Space Nine*. Da concepção ao desenvolvimento, uma porcaria. Apesar de nos EUA ter, já em sua terceira temporada, relativo reconhecimento da crítica. E se porcaria pouca é bobagem, já está passando lá na terra do Tio Sam, *Star Trek: Voyager*, mais um *remake*, provavelmente tão dispensável quanto *DS9*.

Mas que alimenta o “doomsday machine” da Paramount Pictures e dos Bermans da vida.

Dentro deste quadro, realmente me sinto perdido e à borda da galáxia, pra lá da Zona Neutra. O fato é que, quando Gene Roddenbery estava vivo, apesar de não ser o produtor principal nos anos 80 (isso sem falar que ele abandonou o barco no terceiro ano da clássica, e desde então perdeu-se o brilho e a genialidade que traziam a marca do seu criador), a série tinha um parâmetro de qualidade e credibilidade ficcional e científica. Depois de sua morte, só predominaram os interesses comerciais. Os roteiros ousados, criativos, inteligentes, “passaram a fazer mal aos negócios”.

E acrescenta-se também que se formou uma segunda geração de fãs do universo *trekker* — conforme já esbocei acima. Fãs que não acompanharam a “missão de cinco anos...” da série clássica. Que começaram a ver *Jornada(s)* com Picard, Data & Riker. Com um nível de exigência e maneira de encarar *Star Trek* da forma que aludi parágrafos acima.

Aqui no Brasil o movimento de fãs em torno da série também se alterou radicalmente. Antes reunidos em pequenos grupos em São Paulo, Rio e mais algumas cidades do país, hoje estão monopolizados pela Frota Estelar - Brasil. Uma associação gigantesca em número de sócios (perto de mil) e atividades que promove. Isto tem um lado salutar importante: o de aparentemente os *trekkers* estarem unidos para fazer valer seus interes-

ses. Mas não é isso bem o que ocorre: as séries não são exibidas no Brasil (nem em TVs por assinatura), estão fora do mercado de vídeo, e os fãs dependem basicamente da própria Frota para assistir aos *remakes* atuais. Isso dificulta o acesso à democratização dos seriados e seus congêneres. De certa forma é como se a Frota, apesar de afirmar que leva a bandeira *trek* no Brasil, estivesse satisfeita com o *status* do qual ela desfruta, inclusive em nível comercial, bastando ver os shows multimídia em que se transformaram suas “convenções estelares”. Talvez tenhamos aqui um pequeno (mas convincente) microcosmo do que representa *Star Trek* para os fãs de hoje. No Brasil e no mundo.

Assim o que sobrou para os *trekkers* clássicos é procurar suas antigas ilhas nas quais se encontravam, antes do surgimento do fandom de *Star Trek* no Brasil. Bem, não sejamos tão radicais. Felizmente existe videocassete e meios de se conseguir os episódios (cada vez mais) clássicos. Ou então, se reunir de novo aos sábados à tarde na Rua Augusta (centro de São Paulo), onde se encontravam os fãs nos anos 80 — é, mas até isso não é mais possível, pois a lanchonete onde se davam as reuniões hoje em dia é um supermercado.

Para mim, então, compactuar com a *Jornada* de hoje, é estar negando o encanto que a série clássica trouxe a mim e, creio, a esta meia dúzia que resta, perdida pelos planetas onde nenhum *trekker atual* jamais esteve...



NEUROMANTE, INC.

vinte minutos no futuro

CYBERPUNK - FICÇÃO CIENTÍFICA - TERROR

Finalmente disponível aos leitores brasileiros a única publicação profissional argentina dedicada à ficção científica, fantasia e horror* . Histórias pelos melhores autores internacionais da moderna FC/F — William Gibson, Bruce Sterling, Ursula K. Le Guin, Dan Simmons, Clive Barker, James Patrick Kelly, Norman Spinrad, Philip K. Dick, Octavia E. Butler, Lewis Shiner, além de autores latino-americanos. Ensaio, atualidades e notícias da comunidade de FC/F da América Latina. Ilustrado.

Agora com uma coluna sobre a ficção científica e fantasia no Brasil.

ASSINATURA COM PREÇOS ESPECIAIS PARA OS LEITORES BRASILEIROS:

| | |
|-----------------|-----------|
| 3 NÚMEROS | R\$ 14,00 |
| 6 NÚMEROS | R\$ 25,00 |
| 12 NÚMEROS | R\$ 48,00 |
| 24 NÚMEROS | R\$ 92,00 |
| (número avulso: | R\$ 5,00) |

PEDIDOS: RUA ANDRÉ DREIFUS, 109/163 - BLOCO 2 - SÃO PAULO-SP - CEP 012552-901 -
FONE/FAX: (011) 871 3646 - BRASIL.

* EM ESPANHOL.

Compre, leia, colabore com os fanzines brasileiros de ficção científica!

* **Astaroth**. Editor: Renato Rosatti. Irregular, formatinho, 4 páginas. Um dos zines de maior tiragem, é distribuído gratuitamente. Destaque para artigos, contos e ilustrações voltados para o horror. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 CEP 04772-070 São Paulo, SP.

* **Hiperespaço**. Editores: Cesar R.T. Silva & José Carlos Neves. Bimestral, formatinho, 16 a 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de ficção científica. Também é o mais variado quanto a temas e ousado em sua diagramação. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Caixa Postal 375 CEP 09001-970 Santo André, SP.

* **Informativo Perry Rhodan**. Editor: Alexandre Pereira dos Santos. Bimestral, formatinho, 12 a 16 páginas. Fanzine importante para os fãs da série alemã no Brasil, inspirou a criação do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil", do qual é agora seu órgão oficial. Muita informação, curiosidades, artigos, ilustrações. Rua André Marques, 209/09 CEP 97010-041 Santa Maria, RS.

* **Juvenatrix**. Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Um dos melhores zines em atividade em nosso fandom. Tem como prioridades artigos sobre cinema e contos de ficção científica e, principalmente, horror. Atualmente também tem publicado muitas histórias em quadrinhos. Rua Irmão Ivo Bernardo, 40 CEP 04772-070 São Paulo, SP.

* **Megalon**. Editor: Marcello S.Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais importante e premiado fanzine brasileiro de ficção científica, vencedor de 5 Prêmios Nova em 7 anos de publicação. Prioriza a literatura (contos, artigos e notícias), mas também abre espaço para cinema, quadrinhos e ilustrações. Av. Clara Mantelli, 110 CEP 04771-180 São Paulo, SP.

* **Notícias... do Fim do Nada**. Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Volta-se mais à literatura, com contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. Especialmente interessante para colecionadores, também é um importante pólo do fandom gaúcho. Rua Comendador Azevedo, 506 CEP 90220-150 Porto Alegre, RS.

* **Sigmatau**. Editores: Maria José da Silva & Alexandre Schapel. Bimestral, formatinho, 20 a 24 páginas. Fanzine que publica contos de jovens autores, artigos (sobre literatura e cinema), ilustrações, charges e quadrinhos. Está com novo endereço: Rua Siderópolis, 28-A CEP 07132-230 Guarulhos, SP.

* **Warp 9**. Editores: Ivo Luiz Heinz & Paolo Fabrizio Pugno. Bimestral, formato ofício, 20 a 24 páginas. Principal fanzine de *Star Trek* no Brasil, pela qualidade apurada de seus textos e diagramação. Volta-se à parte tecnológica da série, modelismo, e um pouco de literatura de ficção científica. Rua João Barbosa, 53 CEP 03323-030 São Paulo, SP.

Parece que foi ontem, não é...

... Herbert Parentes Fortes, Gilberto de Mello Kujawski, Euro Brandão, Tasso da Silveira, Parmênides, Rubem Fonseca, Abdias do Nascimento, Astrid Cabral, Emílio Silva de Castro, Gina Magnavita, Gerardo Mello Mourão, Antonio Paim, Fernando Salles, Pico della Mirandola, Manoel Joaquim de Carvalho Jr., Hermes Vieira, Heitor Marçal, Nélida Piñon, Pedro II, Maria Alice Barroso, Oliveiros S. Ferreira, Luís Marques Poliano, D. Odilão Moura, Antonio Olinto, Fernando Hupsel de Oliveira, José Cândido M. de Carvalho, Castro Alves, J. Bédier, Jorge Medauar, Dante Alighieri, Xavier Marques, Wilson Lins, Luiz Jean Lauand, Paulo Napoleão Nogueira da Silva, Maria da Conceição Paranhos, Ray Bradbury, Santo Tomás de Aquino, Hildegardes Vianna, Sérgio Mattos, Vasconcelos Maia, Plínio Salgado, Gerschenson e Ivanov, Alcântara Silveira, Walter M. Miller Jr., James Blish, Robert Henlein, Jorge Luiz Calife, Henrique V. Flory, Maria Luiza Heine, José Haroldo Castro Vieira, Ivan Dorea Soares, Adonias Filho, Telmo Padilha, Cyro de Mattos, Ivan Carlos Regina, Marien Calixte, George Stewart, José dos Santos Fernandes, Theodore Sturgeon, Zbigniew Brzezinski, Geraldo França de Lima, Oswaldo de Camargo, Rubem Nogueira, Fredric Brown, Clifford D. Simak, Walmir Ayala, Marcos Santarrita, Jan Potocki, H. P. Lovecraft, Sheridan Le Fanu, Júlio César Machado, Clóvis Amorim, José Alípio Goulart, Morris Janowitz, Deoscóredes Maximiano dos Santos (Didi), Roberto de Souza Causo, Cid Fernandez, Roberto Schima, Fausto Cunha, Dinah Silveira de Queiroz, Chad Oliver, John Wyndham, Edna Savaget, Francis Carsac, Guido Wilmar Sassi, José Alcides Pinto, Jerônimo Monteiro, Harold Mead, Julieta Godoy Ladeira, Macedo Miranda, Zora Seljan, Fred Hoyle, Rubens Teixeira Scavone, C. S. Lewis, Carl Friedrich, Mário Faustino, João Camilo de Oliveira Torres, Raymundo Schaun, Jonas Rocha, Euclides Neto, Leo Godoy Otero, Elysio Condé, Adolpho Justo B. de Menezes, Victor Ferkiss, Paulo Vidal, Emiliano Perneta, Silveira Neto, A. Tchecov?

E já vão 40 anos!



CONQUISTE O UNIVERSO!



**ALIEN
DUNA
STAR WARS
STAR TREK
CYBERPUNK
ISAAC ASIMOV
ARTHUR C. CLARKE
RAY BRADBURY
PHILLIP K. DICK
DINOSSAUROS
VIAGENS NO TEMPO
REALIDADES ALTERNATIVAS
FLASH GORDON
E MUITO MAIS!**

Ao completar dez anos de existência, o Clube de Leitores de Ficção Científica está animado como nunca para proporcionar aos fãs deste surpreendente gênero, um clima favorável para o apoio à leitura e à produção artística. Venha participar de nossos encontros mensais e conhecer as mais importantes atividades do fantástico na América Latina: mostras, workshops, exposições, convenções e tudo mais que você quer para aprofundar-se no maravilhoso, romper as barreiras do tempo e do espaço, visitar novos mundos e realidades surpreendentes, desvendar os mistérios do cosmo e da alma humana.



**CLUBE
DE LEITORES
DE FICÇÃO CIENTÍFICA**

Endereço para correspondência: Cx. Postal 2105, S. Paulo-SP- Cep 01060-970-Brasil